

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JUNHO DE 1902

N.º 81

As Festas Garrettianas no Porto

A KERMESE NO PALACIO DE CRYSTAL

ALVOURECOU o dia 29 de maio com todo o esplendor e os requisitos próprios d'um dia de mais das flores. Desde manhã que a cidade impressionada pelos atractivos d'uma festa *chic*, a nota mais brilhante e seductora, se preparava para a ella concorrer com todo aquelle justificado e alegre animo que é o encanto da alma portugueza. E coincidia esta festa com o dia de Corpus-Christi.

A' uma hora da tarde, depois de completos todos os preceitos religiosos que terminam no Porto com a bem conhecida missa da Trindade, todo o mundo elegante se dirigiu ao Palacio para assistir á abertura da grande kermesse, inicio dos festejos em homenagem ao glorioso escriptor e grande patriota que em vida se chamou o visconde d'Almeida Garrett.

A dentro dos jardins do bello parque do Palacio, era já, a essa hora, extraordinaria a multidão, que esperava impaciente se abrissem as portas da vasta nave central.

Dado o signal d'abertura, o recinto da kermesse achou-se em poucos momentos repleto de milhares de pessoas, cruzando-se em todos os sentidos, n'uma confusão alegre e pittoresca.

O aspecto da kermesse era deveras imponente e singular, offerecendo á vista um espectáculo surprehendente, pelo capricho da disposição e originalidade das suas luxuosas e artisticas barracas.

Ao longo das galerias e collocadas symmetricamente sob ellas, deseseis elegantes vitrines, armadas em amphitheatro, ostentavam n'uma graciosidade de disposição, rigorosamente numeradas, mais de vinte mil prendas que eram a tentação de muitos olhos cubicosos.

Difficil, mesmo impossivel, determinar o valor intrinseco ou real d'este delicioso e palpitante *bric-à-brac* que mãos gentis de fadas souberam tornar incomparavel com suas inspiradas *leceries* e finissimas *dentelles*.

Ao centro da nave, como que tomando a presidencia d'um certamen, elevava-se coquette e linda a magestosa

pertencente aos srs. Seraphim e Manuel Reis, dois sympathicos rapazes que conjuntamente com

CORBEILLE

Arnaldo Morêda e José Augusto da Silva Ribeiro realisaram d'uma fórma tão distincta esta sua primorosa ideia.

Sobre tres baixos estrados de madeira cortados em octogonos e justapostos formando escadaria, poisava a graciosa *corbeille* toda intertecida de verga e junco alvadio, levantando para o ar, em fórma ogival, a sua elegante asa, da qual cabiam em suave despendimento, duas largas fitas de seda azul e branca presas no alto por uma caprichosa e bem formada laçada de fitas das mesmas côres.

Dois festões de flores naturais alçandoravam-se nas bases da delicada asa da *corbeille*, dando-lhe assim um conjunto tão encantador, como natural.

Dentro da cesta alçatificada a primor e toda forrada a setim *resedá* respirando arte nova, poisavam tres bem acabados banquinhos em estoffo de seda da mesma côr e uma artistica e elegante *dagère* para pouso das ricas cestas de prata com os bilhetes do sorteo.

A concorrência de compradores a esta barraca era deveras numerosa e distincta, o que allaz não admira desde que se saiba que os proprietarios da *corbeille* foram tão felizes na escolha do grupo de meninas a quem entregaram a sorte d'esta barraca, como o haviam sido no pensamento finissimo que tiveram.

Oh, com certeza ninguém resiste á tentação d'uns olhos negros, á maviosa sedução de uma voz fresca e sonora, que nos convence a gostarmos o melhor dos nossos dez mil réis em papelinhos enrolados, que na maior parte sabem brancos.

Mas n'aquelles momentos abstrahese toda a noção de materialismo, para nos envoltermos n'um mundo ideal, de meigas phantasias e sonhos d'ouro e de rosa, onde o dinheiro é nada e uns olhos negros, tudo.

Oh, as Kermesses... as abençoadas kermesses! O delicioso grupo que preenchia a *corbeille* era formado por



Phot. assist. Carlos Pinto Max

Kermesse no Palacio de Crystal — A Corbeille e o Pucilhão Africano



Phot. anal. C. P. Maia.

Kermesse no Palacio de Crystal — Casa alemtejana

M.^{lles} Livia d'Oliveira, Noemia, Laura e Alzira Soares Moreira, Theresia Amorim, Emilia Reis, Rachel Xavier, Ismalia Moreira de Sá e Maria Corrêa.

A CASA RUSTICA

de Antonio Teixeira Lopes, Dr. Arthur Ferreira de Macedo, Antonio Ramos Pinto e José Gonçalves da Silva Mattos e projecto de José Teixeira Lopes, o considerado architecto portuense que teve n'esta barraca mais uma prova flagrante do seu alto merecimento artistico, foi uma das que mais prenderam a attenção pela originalidade e valor da sua concepção.

Como a gravura o representa, a *Casa rustica* era um trecho d'uma d'essas casas d'aldeia tão conhecidas nas nossas provincias do Minho e Douro,ahi por meados do seculo que passou.

Sob um alpendre ou telheiro suspenso por quatro toscas columnas de pedra arredondadas que poisavam sobre uma balaustrada não menos tosca ainda, estendia-se o patamar para o qual davam accessó quatro degraus de pedra tambem, no alto dos quaes ficava a unica porta d'entrada da habitação, tendo ao lado direito o *niche das alminhas* com seu painel pintado, representando um Christo agonisando n'uma cruz e no sopé, por entre linguas de fogo, que deve ser o do Purgatorio, o clero, a nobreza e o povo em effigies de bispos, reis e plebeus, de mãos crispadas e erguidas e labios entreabertos, gemiam supplicas á luz d'uma lampada com azeite que mãos piedosas ali foram verter em cumprimento d'algum voto seu, ou satisfação do pedido que todas as alminhas de paineis fazem aos viandantes: — Oh vós que idees passando, lembrai-vos de nós que estamos penando. P. N. A. M.

No parapeto da balaustrada vashinos com cravos de Santo Antonio resscendiam perfumes ternos, e a um canto, como que esquecida, uma enorme e vermelhuda abobora jazia em toda a sua rotundidade.

Do beiral ao telheiro, como que espreitadissimo, pendiam aqui e ali varias plantas musgosas com seu mangericó á mistura.

A *Casa rustica* parecia estar deshabitada, mas os seus actuaes proprietarios tiveram a feliz ideia de n'ella albergarem durante o tempo da *kermesse* tres gentis creaturas, M.^{lles} Alzira Gomes de Freitas, Leonor Nestorio Bastos, Maria d'Assumpção Mollarinho Ramos, que vendendo bilhetinhos do sorteio, iam com o conjunto das suas graças mettendo no Purgatorio as almas dos galantes e felizes rapazes que d'ellas se acervavam, ao mesmo tempo que deixavam nas bandejas as notas que levavam nas suas recheadas carteiras.

Tudo para purificar!...

O PAVILHÃO AFRICANO

pertencente a Eduardo Sequeira e Antonio Pedro Augusto da Costeira era uma vistosa barraca, que na gravura da *corbeille* apparece destacando ao fundo.

D'um desenho modesto mas elegantissimo, era formada por um quadrado de peitoril sob uma cupula de panno ás riscas claras, que produzia um effeito soberbo contrastando com as côres fortes e garridas das colchas listradas, que em fórma de cortindas pendiam de cada angulo e vinham prender-se abraçadas junto dos peitoris. Pintada toda por um artista de gosto, no seu genero, como é Marques Pinto, o *Pavilhão africano* marcava uma nota bem distincta entre as outras barracas da *kermesse*.

E deve-se sem duvida uma grande parte ao exito alcançado por esta barraca, ao grupo distincto que a preenchia e que era composto das ex.^{mas} Sr.^{as} D. Joaquina Osorio Sequeira, D. Sophia Osorio, D. Rosalia Maia, D. Paulina Maia, D. Laura Barbosa, D. Ignez Salgado, D. Laura Salgado e D. Maria Moraes Carvalho.

O CARAMANCHÃO

pertencente a Antonio de Lemos e Francisco de Gouvêa Peixoto era, como a gravura o indica, um elegante caramanchel de doze metros quadrados de superficie por cinco d'altura, todo formado de cannas entrelaçadas, assentes em canteiros d'azulejo azul, de onde nasciam em variada profusão trepadeiras de rosas, boas noites e heras artificiaes, que enlaçadas pelas paredes da deliciosa casinha de verdura subiam até o alto da sua cupula, em cujo topo se erguia um catavento encimado por um gallo todo altoaneiro, que marcava os quatro pontos cardeaes.

A cada angulo d'esta barraca, como para cortar a monotonia das linhas, outros tantos macticos de verdura completavam a sua singellissima e por isso mesmo encantadora ornamentação.

Dentro da barraca cadeiras de jardim e uma meza, onde finissimas taças de Sévres comportavam os numeros do sorteio.

Foi extraordinario o exito alcançado pelo *Caramanchão*, e o grupo de gentis senhoras que o preenchiu, e que era composto das M.^{lles} Eleutherios da Fonseca, D. Maria Pinto Moreira, D. Julia Pinto Moreira, D. Sophia d'Almeida e D. Sylvia Owen Pinto, alvo das mais significativas demonstrações d'apreço pela distincção e nobreza do seu conjunto, pela gentileza e formosura das damas.

A CASA ALEMTEJANA

destinada á venda de tabacos e flores era occupada por: M.^{lles} D. Maria Helena de Carvalho, D. Helena de Castro Pereira e D. Lucilla de Queiroz Rocha, que d'uma captivante amabilidade se distinguiram em toda a kermesse.

A *Casa alemtejana*, copia rigorosa de uma sua congenera dos suburbios de Portalgre, era toda contruida de lona pintada, imitando uma casa pobre em começo de deterioração.

Os tijolos apparecendo por entre os escalabros do gramameo em derrida, e grande quantidade de mungo dammificador trepando pelas paredes e pelas hobreiras da porta e das janellas, sem vestigios de caixilhos.

O telhado, miserrimo, quasi sem telhas, e as que ainda existiam, seguras com pedras substituido economicamente a cal e o sabro. Uma ramada construida sobre as janellas d'esta habitação e sustentada nas suas extremidades por dois troncos de pinheiros, serviu em tempos que as parreiras davam uvas para abrigar do sol os seus moradores.

Hoje que o philoxera tudo arrazoou os seus proprietarios substituiram a vidreira *authentica* por uma parreira artificial confeccionada na celebre casa de corbas e flores *A la Ville de Paris*.

E assim ficou salva a situação.

Dentro da casa, uma esplendida *étalage* de tabacos nacionaes e estrangeiros e uma profusão de pequeninos *bonquets* e flores soltas, que se destinavam ás botadeiras dos casacos dos nossos elegantes.

Collocada mesmo em face á porta lateral da nave esta barraca era d'um effeito completo, pela illusão da sua pintura scenographica.

Pertencia a *Casa Alemtejana* aos srs. Antonio de Lemos e Francisco de Gouveia Peixoto.



Phot. anal. C. P. Maia

Kermesse no Palacio de Crystal — O Caramanchão



Foto. anal. C. P. Rio

Kermesse no Palácio de Crystal — Casa rústica

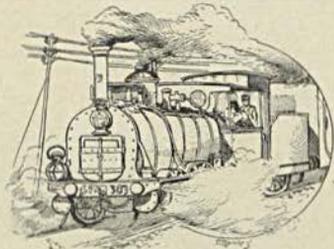
O BUFETE

Não podemos dar a photographia do palco que foi todo destinado ao bufete e que se achava transformado n'um delicioso jardim, segundo o plano de Antonio de Lemos.

Ao centro, um caprichoso balcão coberto de finas gralhas e variados e preciosos vinhos delicadamente servidos por uma distincta commissão de senhoras composta de M.^las Gomes de Freitas e Queiroz Rocha, D. Bertha Ramos, D. Iza de Novaes, L. Irene Ramos e dos srs. Antonio de Lemos, Francisco Peixoto e Arnaldo Pêgo.

A's quatro horas da tarde começou a fazer-se a debandada e não havia uma só pessoa que não deixasse com saudades esta tão sympathica festa; mas as horas da refeição principal estavam prestes e muitas pessoas queriam assistir á passagem da classica procissão de S. Jorge pela não menos classica rua das Flores.

E assim terminou o primeiro dia da kermesse e tambem o primeiro dia das festas, com que a illustrada commissão promotora do monumento ao Visconde d'Almeida Garrett abria a serie de festividades que hão-de com certeza, a avaliar por este, trazer-lhe o resultado que deseja para com elle a cidade do Porto pagar a dívida sagrada, ha tanto tempo em aberto, á memoria d'um filho illustre, um dos mais gloriosos escriptores portuguezes do seculo passado.



LINDA A PASTORA

- Linda pastorinha, que fazes aqui?
— Precuro o meu gado que por ahí perli.
— Tan gentil senhora e quazir o gado!
— Senhor, já nascemos para esse fado.
— Por estas montanhas em tan grande p'riço!
Diga-me, ó meinha se quer vir comigo.
— Um senhor tan guapo dar tan man conselho.
Querer que se perca o gado alheio!
— Não tenha esse medo que o gado se perca
Por aqui poisamos uma 'ora de sesta.

- Tal razão como essa não n'a ouvirei:
Já dirão meus amos que de más tardes.
— Diga-lhe meinha, que se demorei
C'ó esta survem de agua que tudo molhou.
— Fallarei verdade, que mentir não sei:
A' volta do gado eu me demorei.
— Pastorinha, escote, que obo ballar gado...
— Serio as ovelhas que me tem faltado.
— Eu lh'as von buscar já muito depressa,
Mas que me espadece por essa charnea.

- Ai como val grave de meias de seda!
Olhe não sa rompa por essa resteva.
— Meias e sapatos, tudo romperi
Só por lha dar gosto, miolha alha, meu bem.
— Ell-o aqui vem; é todo o meu gado.
— Meu destino foi ser vosso criado.
— Senhor, vá-se embora, não me dá más pena,
Que ha-de vir meu amo trazer-me a merenda.

- Se vier seu amo, venha muito embora:
Diremos, meinha, que cheguei agora.
— Senhor, vá-se, vá-se, não me dó tormento:
Já não quero vê-lo nem por pensamento.
— Pois adeus, lagarta da Linda a Pastora!
Fica-te, em me veni pela serra fôra.
— Venha ed, senhor, torne atraz correndo...
Que o amor é ceço, já me está rendendo.
Sentaram se á sombra, tudo estava arrendo...
Quando ellas não querem, então 'tão correndo.

GARRETT.

Soror Primavera

Pequeninha e rosada, ainda mais rosada e pequeninha por causa do enorme convento sombrio, onde é freira, assim como se poderia ser passarinho dentro de uma grande gaiola, Bertha d'Albanis, na ordem Soror Rosalia, e Soror Primavera, apenas o inverno acaba — é este o nome que muitas vezes lhe applica a boa da abbadesa — põe alegrias infantis no velho claustro por ella embrandedido.

Como viveu sempre no meio das freiras, longe do mundo, sente, ponto que prisioneira, a alegria despida de saudades, e tem ás vezes o cantar de uma toutineira, apanhada em pequenina, e que nunca vou pela floresta.

No proprio dia em que os seus cabellos cahiram cortados — será com o ouro dos cabellos das virgens que Deus faz as aureólas dos seus anjos? — Bertha não chorou; nem lhe entristeceu o sorriso na solemnidade da renuncia.

Não sabia a que renunciava. Ignorava absolutamente que uma vida semelhante á sua, e que a soliciava, se accendia nos olhos e pulsava no coração dos rapazes; dava-se a Deus, contente, porque não cuidava que se possede dar a outrem.

Agora, com os passinhos mltidos de um ratinho que corre — mas d'um ratinho tão ligeiro que talvez tenha asas e possa saltar o vôo — anda de um para o outro lado, pára, torna a correr nos longos corredores escuros, amarelentos e frios, sobre as lages tumulares do claustro, no bello jardim florido, out'ora se amittendo, onde apanha as borboletas que pozzam nas cruceiras. Por um trepadeira que scóbe ao longo do muro, e da qual está prestes a cahir uma gota de agua, tem risadas, dá palmas de alegria; e com a ponta da lingua cor de rosa, muito estendida, espia e quer beber na queda a perola de orvalho.

O seu maior prazer seria brincar, á hora do recreio, com as educandas do mosteiro — com as mais pequeninas principalmente.

Não casa, não se dá a fazer-o, pois agora é freira. Mas por mais que o seja, o bom amor pueril irradia-lhe dos olhos claros, expande-se-lhe na boquinha de sangue, arrebita-se no seu nariz rosado, desgrenha-se nos seus cabellos curtos e cor de ouro, rebeldes e frisados; nos officios, ainda quando ajoelhada, não pôde estar quieta; é sempre ella, no refeitório quem deixa cair, em gestos rapidos, a face ou o garfo.

E' o diabo do convento — um diabo que é um anjo. E quando á noite, a renque processional das freiras, com as cabeças curvadas para o chão, se dirige lentamente para as cellas, a touca branca de soror Primavera, mais alta, pairando no ar, com os folhos de adeja-rem, faz lembrar uma arveloa que esvoace por sobre um rebanho.

Mas lá por não ser rabugenta, não é menos piedosa! Não só reza e cumpre sem murmurar os duros deveres da Regra, mas faz, tres vezes ao dia, oração mental; porque a oração mental, isto é, a meditação sobre as verdades eternas e a infinita bondade de Deus, se não é tão indispensavel para a salvacao eterna como a reza, é contudo necessaria para nos conservar na Graça Divina. Disse Santa Thereza: "A alma que persistir na meditação, sejam quaes forem os peccados a que o demonio a arraste, será conuido por Jesus, persuado-me, ao porto de salvacao." Ajoelhada diante de uma imagem da Virgem, que a abbadesa lhe offereceu, soror Primavera passa horas e horas n'um ardente recolhimento espirital!

E das pessoas terras e nervosas, a que chamam "escrupulosas", e que impõem tormentos aos confesores, com vicios como a reza, do proprio peccado venial e da condemnação eterna. Julgou uma vez que tinha perdido a alma — aquella alminha tão pura! — por causa de uma distracção que teve na capella.

Em quanto o padre officia, curvado para o missal e debaixo da casula de grandes ramagens bordadas, um moscardo, de azas douradas e azues, muito brilhantes por causa de um raio de sol que entrava pelos vidros de cores da alta janella, poz-se a esvoacar, junto do altar, de um lado para outro, muito luminoso.

Para não ver o insecto que a preoccupava, Soror Primavera fechou os olhos. Mas não os pôde ter assim muito tempo.

Oh! Ella bem sabia que é mister desconfiar-se d'aquelles animaesinhos voadores, cuja forma o inimigo tem mais de uma vez assumido, para exasperar santas creaturas; não desconhecia que Belzebuth é o Deus das moscas e moscardos!

Mas aquelle attrahia-lhe irresistivelmente os olhares.

Era tão bonito immergido no rio de sol — parecia uma turqueza aliada — e tinha no vôo caprichos tão graciosos!

Girava em roda da cabeça do padre, pousava-lhe na borda da orelha esquerda, levantava novamente o vôo, pousava-lhe na orelha direita, entrava para dentro do ouvido, sahia, tornava a entrar. Se o sr. padre capellão tivesse cocegas, devia estar n'um tormento.



Thermas portuguezas — Vista geral do Gerez

Oh! Se devia! Soror Primavera, mau grado seu, sorria, mas escondia o sorriso entre as paginas do livro de missa.

N'isto o moscardo pairou no ar e cahiu de repente sobre a corôa do officiante e alli se deixou ficar por muito tempo, agora sugando com a pequenina tromba a pelle liza como marfim, logo, que empinando-se, batia o ar com as pernas delgadinas.

O padre já não podia. Com um violento sobresalto de todo o corpo, sacudiu, enxotou o atrevido animal.

O moscardo vouu saltando um zumbido de colera. Era bem feito. Não tornaria a voltar.

Mas ai! voltou. No momento em que o padre, de mãos juntas e voltado para a devota assembléa, mostrava plenamente as suas gordas faces avermelhadas e o seu formidavel nariz que, semelhava um tufo de pedrarias coruscantes, o moscardo precipitou-se rapido sobre aquelle nariz — era uma saphira entre rubins e conservou-se-lhe agarrado com ancia, entoando um canto de victoria.

Então Soror Primavera desatou a rir! Imagine-se o escandalo.

A pobre freirinha, desesperada, attonita, solicitando penitencias, jejuando, macerando se, esteve persuadida durante um mez inteiro de que por causa d'aquella risada, iria parar a um inferno muito mais vermelho e flamejante, que o nariz do sr. padre capellão.

Por ser tão nova e tão bonita, todas as freiras gostam d'ella, todas a animam, até as velhas e as feias. Perdoam-lhe e permitem-lhe as doidas e encantadoras creancias; querem bem aquella claridade no meio da sua escuridão.

Foi por isso que na ultima primavera houve um grande desgosto no convento, quando se viu que a gentil creaturinha já não soltava risadas, nem corria por cima das campas atraz das borboletas.

Tornára-se pallida, tinha os olhos pisados, como se houvesse chorado. Primavera perdia o viço Com a cabeça descahida para o peito, os braços pendentes, caminhava o longo dos muros sem dizer palavra.

— Está doente, madre Rosalia?

Respondia que não, com a cabeça, e desviava se; queria estar só.

O que lhe teria acontecido?

De que proviria aquella tristeza?

Soror Primavera mostrava-se tanto mais inquieta quanto mais se approximava a communhão geral da Paschoa. Teria a melancolica freira commetido algum peccado tão grave, que se sentisse dominada pela vergonha e pelo medo, na occasião de confessional-o? Sim tinha peccado, certamente.

A abbadessa, mais do que todas as outras freiras, mostrava-se apouquetada, por amor da honra do convento. Perguntava a si propria: "Que erro será? Manteria Soror Primavera alguma perigosa ligação, quer em praticas, quer em cartas amatorias? Pôde succeder, nos mais austeros claustros, que a madre porteira deixe, por descuido, a porta meio aberta, com o risco de escandalo para as freiras e para as pessoas de fóra; que a rodeira traga papeis ou recados insuspeitos.

E quanto mais se approximava o dia da communhão geral mais Soror Primavera andava carrancuda e desesperada. Na cella, levava as noites inteiras sem dormir; atravez da porta ouvia-se-lhe a bulha dos passos, e tambem por instantes, o ruido dos soluços.

Surprehendiam-n'a algumas vezes, prostrada diante do altar, batendo com a testa nas lages.

Na vespera do santo dia, enquanto as freiras esperavam na capella, fazendo exame de consciencia, o momento de confessarem os peccados e receberem a absolvição, Soror Primavera estava n'uma tão horrivel pallidez, que a julgaram prestes a desmaiar e foi com a languidez d'uma moribunda, (que vai cahir para não tornar a levantar-se) que ella se dirigiu para o santo tribunal, onde ha todo o perdão, bem como a colera suprema.

No confessorario, ainda o caso assumiu aspecto mais terrivel. Bertha cahiu de joelhos, com o corpo todo em sobresalto, em estertores de angustia. O padre ficou atemorizado.

Com que horrivel fardo estava sobrecarregada aquella alma, juvenil e franzina? Tremia ao interrogal-a.

Ella, a principio, não respondeu, toda agitada pelos soluços. Dizia a espaços: "Não me atrevo! Nunca me atreverei!, ou então: "Perdi a minha alma!."

Só quando o padre, em nome de Deus terrivel e misericordioso, lhe ordenou que falasse, é que ella mormurou com voz sumida.

"Tenho na minha cella uma imagem de Nossa Senhora.

Deu-n'a a madre abbadessa. Diante d'ella fazia eu oração mental tres vezes ao dia... Mas



Thermas portuguezas — Pedras Salgadas

Conquistas Humanas

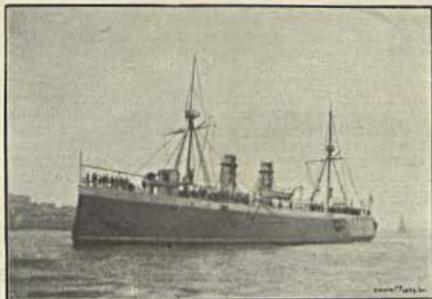
(A FUTURA ALIMENTAÇÃO)

Por ocasião da celebração da festa da imprensa, promovida pela imprensa dinamarquesa, o governo de Dinamarca pediu a M. Berthelot que escrevesse um artigo especial acerca da fabricação química dos alimentos, artigo que foi publicado no jornal *Le Temps* de 26 de junho, em que o illustre chimico preconiza que, n'um futuro mais ou menos largo, a alimentação humana, que se deve hoje principalmente á agricultura, será alcançada por processos chimicos, com a vantagem de se obter substancias alimentares mais



Capitão de fragata AMORIM PESSOA

Commandante do cruzador D. Amélia



O cruzador D. Amélia

uma noite, ha dois mezes, em vez de meditar perante a sagrada imagem, tomeia-a nas mãos... vestia-a com uns fatinhos que uma educanda me emprestára... e estive a brincar com ella toda a noite, como se fosse uma boneca...

CATULLE MENDÉS.

IMPOSSIVEL!

Surgiste-me, Visão, da vida no caminho,
O olhar velludo, branca a mão, o collo arminho,
E eu quiz seguir de manso o teu aereo piso;
Que a alma pressa ao teu encantador sorriso,
Leva-me p'ra ti nas ondas do sonhar...
Como eu achava curta a vida para amar!
Eu via-te faigr na curva azul do ceu;
Em frente a mim um monte (era o Calvario meu)
Erguia altivo o cumé acima do horizonte.
Fuz-me a subir então o escalavrado monte,
E ancioso segui-lhe a Rua d'Amargura
(Que eu julgava levar-me (indomita loucura!)
Até a tí, ó minha estrella scintillante!
Crea a essa illusão minha alma delirante...
Quando cheguei ao fim da ingreme subida,
Senti abandonar-me, a pouco e pouco, a vida...
A cançado, exhausto, ia offegante, exangue;
Levava a veste róta, os pés iam-me em sangue.
E assim eu vi morrer no horizonte, além,
O sol. A minha esperança ia morrer tambem:
Porque para chegar onde brilhavas, linda,
Era preciso um monte e outro ainda!...

ALBARTAGA SARRIENA.

saborosas, mais aromaticas e de uma digestão e de uma assimilação mais promptas, do mesmo modo que se prepara hoje uma quantidade de côres industriaes, iguaes ou superiores ás côres vegetaes.

As herdades serão então substituidas pelas fabricas, e os lavradores pelos engenheiros, resultando d'ahi uma transformação não só industrial, mas social, e mais profunda que as que a humanidade tem atravessado desde os tempos historicos, e podendo a fabricação dos alimentos ser empreehendida sobre todos os pontos do globo, e em todos os climas, mesmo os mais desherdados, em lugar de ser localisada, como hoje, nos terrenos e nas regiões favoraveis a nossa agricultura, e conseguindo-se assim por meio da lei invariavel do progresso, realisada pelas conquistas incessantes da sciencia, diminuir, entre os homens, a desigualdade na distribuição das vantagens e dos prazeres da vida.

A alimentação é a necessidade mais imperiosa de todo o animal. No periodo de selvageria a mais completa, o homem alimentava-se do que podia encontrar ao acaso. Alguns viajantes europeus pretendem ter conhecido tribus selvagens que ignoravam a arte de aproveitar na sua alimentação certos productos da natureza. Era com estas pesquizas, com a caça e com a pesca que o homem conseguia alimentar-se.

O homem tratou tambem de se apoderar de animaes vivos, para dispor d'elles, á medida das suas necessidades.



Novas forças ultramarinas — Officiaes e soldados marchando para o embarque

Mais tarde, quando o espirito da observação se desenvolveu, o homem notou que certas regiões offerciam reservas alimentares com mais abundancia, e estudando as causas procurou pela agricultura aperfeçoar as condições de outros terrenos para uma melhor produção. E' principalmente pela agricultura que as nações modernas conseguem adquirir a sua alimentação, augmentada singularmente pelas invenções mechanicas, e tendo as descobertas da chimica, em relação aos adubos, multiplicado o rendimento agricola da natureza.

Mas a chimica pretende ir hoje mais adiante, fabricando os alimentos, e substituindo-os aos que fornece a agricultura, e a produção dos seres vivos.

Esta pretensão tem surpreendido as intelligencias não preparadas, ou menos cultas, e provocado o sorriso dos espiritos conservadores e rebeldes ao progresso.

A sciencia trata pois de introduzir na direcção das cousas humanas o dominio das suas leis, e dos seus methodos, com uma actividade e um successo accelerados; e o mundo tende a ser regido pela physica e pela chimica, esperando o dia em que a sciencia conseguirá a transformação e a criação dos seres vivos, cuja constituição depende de quatro corpos simples, o oxigenio, o ozote, o hydrogenio e o carbone.

Estes quatro corpos fundamentaes unidos com fracas porções de enxofre, phosphoro e outras materias n'umas relações infinitesimas, são os elementos unicos de que se serve a natureza para a criação de todas as substancias animaes e vegetaes.

Combinando estes quatro corpos simples, Berthelot chegou a crear diferentes corpos organicos, auxiliado pelo calor, pela luz e pela electricidade.

No fim de 30 annos de um trabalho perseverante, Berthelot declarava em 1891 na sua *synthese chimica* que, á medida que se passa para compostos mais complicados, as reacções tornam-se mais faecis e mais variadas, e os recursos da synthese augmentam a cada nova conquista. A synthese estende assim as suas conquistas desde os elementos até o dominio de substancias mais complicadas, sem que possa assignar os limites do seu progresso, e abrindo ao mesmo tempo um campo illimitado ás conquistas futuras.

Ha dois pontos a attender na questão da produção das substancias alimentares pelos processos chimicos; o da sua possibilidade e o da sua economia.

A possibilidade de formar pela synthese todas as materias organicas, contestada e reputada chimerica até ao meio do seculo 19, está hoje demonstrada por muitos exemplos, e resolvida por muitos methodos geraes.

Os alimentos pertencem a tres classes fundamentaes, os corpos gordos, os assucares e hydratos de carbone, e os principios albuminoides.

O proprio Berthelot conseguiu em 1854 a synthese dos corpos gordos naturaes e dos acidos gordos e da glicerina, e tambem a fabricação dos assucares e dos hydratos de carbone. Grimaux realisou a synthese do principio acido do limão, assim como da dextrina. Pi-



Os gigantes e cabeçudas — Em Vigo

ria obteve a essencia de amendoas amargas, pela distillação de uma mistura de bensoato e de formiato de cal. Cahours produziu o oleo identico ao da *Gaultheria procumbens*, planta da familia das estêvas; Kolbe reproduziu o acido salicylico; Perkins e Duppa os acidos mallico e tartrico de certos fructos, assim como Dessaignes obteve o acido hippurico. Wurtz obteve o alcool do vinho.

Em relação aos principios albuminoides, os methodos da synthese são-lhes igualmente applicaveis, e vão sendo estudados pelos homens de sciencia da actualidade, não havendo, como affirma Berthelot, chimico algum de reputação que ponha em duvida a proxima realisação da synthese d'este ultimo grupo.

Lilienfeldt já fez a synthese da albumina, condensando o phenol e o acido amido-acético com uma fraca quantidade de oxido phosphoro-chlorico; e Schützenberger deu a synthese de uma materia, apresentando todos os signaes caracteristicos dos *peptones*, isto é, apresentando um corpo fazendo o trabalho do proprio organismo, o trabalho mais importante das nossas funções vitaes, achando-nos diante de uma albumina que, obtida no laboratorio, apresenta os caracteres chimicos e physicos da albumina viva, com a unica differença de não ter a mesma actividade do protoplasma.

Mas poder-se-ha vencer esta lacuna?

Affirma o eminente zoologo de Montpellier, M. Sabatier, que é permitido esperar que a albumina não viva, e a albumina activa não sejam senão *isomeras*, isto é, corpos tendo a mesma composição elemental, e não differindo entre si senão pela disposição reciproca dos



Prata da Rocha — Portimão



Mr. Mac Donell
Ex-ministro da Inglaterra em Lisboa

átomos, e que sabendo a química produzir mudanças isoméricas em numerosos corpos, ha razão para esperar que a modificação dos átomos n'este sentido nos dê o principio dos organismos vivos.

As leis da chimica geral não podem ser isoladas nos seres vivos, porque não ha duas químicas. A do laboratório é executada por meio de agentes eapparelhos que a chimica criou; a chimica do ser vivo é executada por meio de agentes e apparelhos que o organismo produziu.

Diante dos progressos continuos da synthese chimica, ha toda a esperança de que diminua cada

vez mais a distancia que a separa da criação organica; e seria injusto marcar limites ás descobertas physicas.

Quem diria, ha 20 annos, que veriamos atravez dos corpos opacos, telegraphariamos sem fio, e ouviriamos a voz humana a distancia de centenas de kilometros?

A vida elemental não appareceu subitamente no nosso planeta. Não ha no mundo uma monera, uma plástide capaz de viver acima de 200 graus centigrados. Centenas de seculos decorreram pois até o momento em que a terra se tornou habitavel, em que a vida finalmente appareceu. Ella não existia,ahi se formou,ahi nasceu.

O mysterio da criação ha de ser um dia desvendado.

E talvez seja mais simples do que se pensa.

O protoplasma que constitue o principio vivente, não é senão uma combinação physico-chimica. E á medida que conseguirmos levar mais longe as nossas investigações embriogénicas, o segredo da vida se simplificará, e se reduzirá a combinações physico-chimicas cujo enigma é difficil, mas não impossivel de resolver.

Ha muito tempo que se obtem a germinação dos ovos, em estufas, sem o auxilio das gallinhas. Desde que se consiga obter nos laboratorios a base da materia viva, nada impedirá o acreditar na possibilidade da fabricação de um ovo, podendo depois realisar com o progresso dos seculos o sonho dos homunculos.

Já Paracelso, notavel medico do seculo xvi, a quem a medicina deve o emprego do opio, do mercurio e do antimonio, se preocupava com a criação de pequenos seres vivos, ou homunculos, no que viam uma obra de Satanaz os que acreditavam que só pertence ao ceo a criação da humanidade.

As concepções do Paracelso impressionaram o conde Jean Ferdinand Kuelstein, rico gentil homem austriaco, que, n'uma viagem pela Italia, se encontrou com o abbade Geloni que, como elle pertencia á maçonaria, e se entregava ao maravilhoso, tratando ambos de pôr em execução o sonho de Paracelso.

Trabalhando n'um laboratório, durante cinco semanas, apresentaram os seus homunculos de ambos os sexos, e em cuja honra o abbade celebrou uma cerimonia religiosa com capa e agua benta, enquanto o conde recitava psalms com o thuribulo na mão. Depois de uns banhos confortativos, os homunculos cresceram, salientando-se para cada um os seus respectivos caracteres. Os homens apresentavam barbas, e as damas uma expressão de rosto angelical.

O conde levou os seus homunculos a Vienna, aonde foram recebidos na loja franco-maçonica do Oriente de Vienna.

No fim de algum tempo, os homunculos tiveram o fim a que está sujeita a humanidade, sem que o conde tivesse tratado de os substituir pelo receio do inferno que d'elle se apoderou, em virtude das exhortações e das orações de sua mulher.

Não é por isso para admirar que renasçam com a genesis da sciencia da embriogenia os homunculos, em cuja realidade acreditavam os adeptos de Paracelso.

Quando Leeuwenhock descobriu a mobilidade ou a vitalidade do espermatozide, os homens de sciencia influenciados pelos principios anthropomorphicos declararam que este ser microscópico continha, nem mais nem menos, que um pequeno homem, o homunculo com as suas faculdades de crescimento.

A primeira phase da evolução da massa celular é quasi identica em todos os seres do reino animal, e não só identica em todos os animaes, mas tambem em todos os vegetaes, representando assim a primeira forma determinada da vida; e a pretensão actual da sciencia não é tão chimerica como foi a de Paracelso, consistindo em se assenhorar do segredo da natureza na criação de uma cellula vivente.

Em relação ao segundo ponto que é o da questão economica na produção dos alimentos pela chimica, é diffinitamente della que depende a solução do problema.

Ora problemas do mesmo genero tem sido resolvidos, e cada dia se alcança um novo triumpho. Já se produz por preços remuneradores nas fabricas o anil e a ruiva dos tintureiros. A cultura das plantas productoras das côres de purpura está abandonada porque os laboratorios preparam hoje centenas de materias corantes artificiaes que rivalisam com as côres naturaes, succedendo o mesmo com os

ARTISTAS BRASILEIROS



Quadro de Weingartner — A BORDO

perfumes. Berthelot fez a synthese da camphora com carburetos de hydrogenio.

A experiencia quotidiana da industria mostra que, desde que ha interesse em fabricar por baixo preço qualquer producto, o espirito, engenhoso dos inventores acaba por vencer todas as difficuldades, podendo-se citar exemplos de fabricação economica de productos syntheticos, como o acido formico fabricado com o oxido de carbone, e a acetylene substituindo vantajosamente, mesmo na illuminação domestica, os oleos extrahidos dos vegetaes, de modo que, em semelhante materia, é permittida a esperança de que a sciencia ultrapasse a natureza.

Procura Berthelot desfazer uma illusão muito espalhada, essa de se imaginar que a alimentação chimica se reduziria a algumas pastilhas. O homem, na sua opinião, precisa, no seu estado normal, de uma alimentação contendo pelo menos 250 a 300 granuras de carbone, e elimina 13 a 20 grammas de azote, e não podendo ser reduzida.

Se a alimentação não deixasse residuos de especie alguma, uma grande parte dos nossos órgãos deixariam de funcionar, e seriam atrophiados, causando a existencia d'esses órgãos atrophiados no organismo naturalmente a morte dos individuos, antes de promover uma evolução eficaz e definitiva no organismo humano.

O que permite entrever a realisação prompta do problema da alimentação, é que a sciencia moderna dispõe d'energias naturais desconhecidas das civilisações passadas. Poderemos mesmo prevêr o dia em que ella poderá pôr em acção o recurso ilimitado das energias gratuitas, obtidas do sol, das energias que aproveitamos já debaixo de uma forma imperfeita das quedas de agua das montanhas, das energias gratuitas do calor central do globo terrestre, e de muitas outras como a da acção da electricidade, sendo com este concurso de energias reveladas e dirigidas pela sciencia que a humanidade progredirá cada vez mais.

Mas, diz Berthelot que não se imagine que o homem deixaria por isso de trabalhar. A perfeição não é o caminho do repouso e do extase, com que nos acalenta o dogma. A sciencia, se aproveita a todos, tambem impõe trabalho a todos, sendo este trabalho sobretudo de ordem intellectual e moral, e implicando o desenvolvimento mais completo de todas as actividades de cada individuo e de cada povo, e, por consequencia necessaria, um sentimento moral cada vez mais profundo da solidariedade de todos os individuos e de todos os povos, no cumprimento da ordem universal da humanidade.

C. de Brito.

João Pezha.

Recordações

Quem pôde as scenas esquecer, os dramas em que vencemos orgulhosas damas,

Sem lança, escudo e arnez!
Quem não sabe de cor as longas fallas,
Que nas alcovas, nos jardins, nas salas,
Dissémos tanta vez!

Decoradas com arte, e linha a linha,
No velho Carlos Magno, o que lá linha
Seu classico sabor,
A fama lhes devemos de almas vivas,
É as primeiras victorias fugitivas:
As primicias do amor.

Quantas vezes, da pallida Clarisse,
— Para que o tempo mais veloz fugisse
No frondoso pomar, —
Não amamos a perfida lacaia,
Trocando a Margarita de Lambais
Por um fructo vulgar!

Quantas vezes, já finda a noite escura,
Não recebemos, por final docura,
Entre mimos gentis,
Obra nocturna de subtil destreza,
Umhas chinelas de feição chinesa,
Bordadas a matiz.

Quantas vezes, em plena serenata,
Vibrando á porta d'uma Helena ingrata
O choroso violão,
Não recebemos de arrasada fronte,
Como affago d'um pé de mastodonte,
Um vaso do Japão!

Quantas vezes, subindo a corda ondeante,
Que nos levava de um jardim fragrant
A um tempo femini
Em vez do brando rosto da Julieta,
Não beijamos a longa barba preta
D'um phantasma viril!

Doces noites de amor! quando a velhice
Prostrou no campo da amorosa lize
Um campezão audaz,
Se na mente surgis do Lovelace,
Inda lhe assoma no pallor da face
Uma aurora fugaz!

Typos das ruas

RIO DE JANEIRO



O mascate

LISBOA



O pasteleiro

Expansão Colonial

III



BRERCK especial registou a atitude da Inglaterra ante a nova feição politica da Alemanha colonial, quando o gabinete de Saint James ainda mal presentia os perigos da expansão alemã na Africa.

Como indispensavel elemento de apreciação, vejamos qual era então a situação politica e economica da Alemanha.

Como se sabe, foi em Versailles, após a capitulação de Paris, a 18 de janeiro de 1871, que o rei Guilherme da Prússia se fez proclamar imperador da Alemanha, reunindo todos os Estados alemães n'uma grande confederação, com o predomínio absoluto da Prússia.

Este veio a ser o epilogo fatal da guerra franco alemã.

Reafirmados os preliminares da paz pela Assembléa nacional franceza, reunida em Bourdeus a 1 de março, foi a 10 de maio assignado, em Francfort, o tratado, pelo qual a França se obrigou a pagar uma indemnização de guerra de cinco bilhões de francos, após a cedência á Alemanha da Alsacia e da Lorena.

Muito antes de expirado o prazo para o pagamento de tão avultada indemnização de guerra, cuja exigencia leonina produzira indisciplinado pasmo em toda a Europa, saiu da França esta como divida de honra, mostrando assim á Alemanha e ao mundo os poderosos recursos de que dispõe a grande nação. Assim pudesse elle rehar as suas ricas e formosas provincias do Rheno, fosse qual fosse o preço do seu resgate em dinheiro...

A proposito d'este notavel facto da historia moderna, lembra-nos a soberba pagina de Victor Hugo, dedicada ao *«Rheno»*, em que a Alemanha e a França, como antigas e boas vizinhas, amoravelmente se saudavam: — *«Ave, Gallia regina!»* — *«Ave, Germania mater!»* O auctor da *Légende des siècles*, classificando a Alemanha como a *«India do Occidente»*, que, é como a *«Asia, a matrix de races, de peuplades et des nations»*, acrescenta:

«Si l'âme allemande avait autant de densité que d'étendue, c'est-à-dire autant de volonté que de faculté, elle pourrait, à un moment donné, soulever et sauver le genre humain. Telle qu'elle est, elle est faible.»

Mal pensava então o genial poeta que, cêrca de seis annos depois, surgiria o homem que desse á Alemanha a vontade que lhe faltava; que esse homem, dispondo de tão poderosa vontade nacional, levasse a Alemanha a invadir a sua adorada França, e que elle, a 9 de setembro de 1870, voltando a final a Paris após o seu longo exilio, livesse de publicar, em alemão e em francez, o seu *«Adresse aux Allemands»*:

«L'Allemagne déferait l'Europe en mutilant la France. L'Allemagne déferait l'Europe en détruisant Paris... Arrêtez vous... Oh! réfléchissez! Le XIXe siècle verrait cet affreux prodige: une nation, dépêchée, devenue sauvage, abolissant la ville des nations!... La mort de Paris quel deuil! L'assassinat de Paris, quel crime!... Et puis, un dernier mot. On ne détruit pas Paris. Parviend-on, ce qui est malaisé, à le démolir matériellement, on le grandirait moralement. En ruinant Paris, vous le sanctifieriez. La dispersion des pierres ferait la dispersion des vides. Jetez Paris aux quatre vents, vous n'arriveriez qu'à faire de chaque grain de cette cendre la semence de l'avenir...»

Soberbo, poetico, sublime!...

A Alemanha não matou, nem destruiu Paris, mas fez passar a grande cidade do mundo pela maior das humilhações; — o seu exercito vencedor atravessou em marcha triumphal as principaes ruas e praças de Paris! Foi esta sem duvida uma humilhação cruel, mas — força confessa-o — representa a luz dos factos uma justa expiação dos gritos selváticos de — *«Vive la guerre... à Berlin, à Berlin»* — que se soltaram n'aquella capital, por occasião de ser declarada a guerra, gritos imperdoaveis e improprios de um povo civilisado.

Sem desfazer a Europa, a Alemanha mutilou a França, e a Europa assistiu impassivel á mutilação do territorio francez, vendo rasgar-se no coração da França uma ferida que sangra ainda.

Reatemos, porém, o fio interrompido.

Não obstante a assombrosa indemnização pecuniaria, integralmente paga pela França, entrou a Alemanha, a breve trecho, a atravessar uma crise economica difficilissima, agravada pela necessidade inclinavel de manter, a todo o custo, a superioridade dos seus armarmentos.

Tendo feito da Alemanha imperial a primeira potencia militar da Europa e do mundo, não se limitando a augmentar em larga escala o seu exercito, e a aperfeçoar o seu armamento, Bismarck julgou tambem indispensavel contrahir alianças, offensivas e defensivas, que

puzessem a Alemanha a coberto de possíveis, senão provaveis tentativas de revindicação territorial, e do justo desforço da França restaurada.

Foi a Austria-Hungria, a inimiga da vespera, a vencedora de Sadowa, que o grande chanceler escolheu para aliada da Alemanha. Tal escolha foi determinada, sem duvida, não só porque não havia já que temer a influencia austro-hungara na Europa central, mas tambem, e principalmente, porque aquella potencia dispõe de manifesta preponderancia na peninsula Balcânica. Veiu em seguida a junção da Italia constituir a triplíce aliança, — da Italia, que fizera causa commum com a Alemanha, para abater o prestigio da Austria-Hungria na Europa! Tem d'estas surpresas a politica internacional, e por serem factos de nossos dias, a largos traços os descreveremos.

Quando após o tratado de Vienna, em 1864, a Prússia se julgou bastante forte para se libertar da tutela da Austria, convocou a Dieta de Francfort, e como esta se manifestasse hostil ás ambições do rei da Prússia, foi logo dissolvida. Os governos da Prússia e da Italia podiam facilmente entender-se, porque tinham ambos o mesmo ideal. O principal objectivo da Prússia era então a unidade alemã, e Victor Manoel para satisfazer as legitimas ambições do seu povo, queria a todo o custo a unidade italiana.

Victor Hugo dissera na sua linguagem incisiva e sublime: — *«Tant que l'Italie ne sera pas un peuple, l'Italien ne sera pas un homme.»*

Aproveitou Bismarck a situação para empenhar a Italia n'uma guerra contra a Austria, e enquanto o exercito italiano investia Venezia, os prussianos invadiam a Bohemia. A 3 de julho de 1866, duzentos mil homens, com a superioridade dos seus armarmentos, deixavam litteralmente arrasado na grande planície de Sadowa o exercito austriaco, sob o commando do infeliz general Benedek. As consequencias d'esta derrota estamparam-se no tratado de Praga, de 23 de agosto de 1866. A Austria abandonou Venezia á Italia, reconheceu a occupação de Sleswig e Holstein pela Prússia, e deu o seu consento á constituição da Confederação da Alemanha do norte, passo decisivo para o remate da unidade alemã. — Sadowa fôra o prefaço de Sedan.

Pelo que respeita á politica interna, conseguira, emfim, Bismarck, á custa dos maiores sacrificios, e a troco de transigencias que tanto mortificariam o seu genio autoritario, ter do seu lado toda a Alemanha liberal e democratica, em lucta aberta com o clericalismo reaccionario, em todos os paizes do mundo, sem contestação, o inimigo mais temivel a combater, e que em toda a parte, e nos paizes latinos principalmente, justifica a celebre phrase de Gambetta: — *«Le Clericalisme c'est l'ennemi.»*

Sucedeu, porém, que o attentado de Nobiling contra o imperador Guilherme produziu um completo reviramento na politica interna da Alemanha, provocando violentas medidas de repressão contra os socialistas e democraticas, suscitadas de terem armado o braço do assassino, em sua tentativa frustrada. O Reichstag proclamou o estado de sitio, votando leis restrictivas do direito de associação. Bismarck dominava o Reichstag, e a sua soberana vontade era lei do Estado.

D'ahi, essa lucta sem treguas contra os elementos democraticos, em que, pela força das circumstancias, se empenhou o governo imperial, e se tem prolongado até o presente, sem que as mais severas medidas de repressão, com todo o seu cortejo de violencias, tenham conseguido suspender a marcha progressiva da democracia. A opposição mais rigorosa e mais séria, da qual mais se arreceiam os ministros do Imperador, no Reichstag, é constituída pelo grupo dos radicais e socialistas que augmenta progressivamente, — opposição que ainda assim, tal como é, presta ao governo imperial valiosos serviços, pela sua completa intrinseguia com o exagerado protectionismo dos agrarios, e com a politica insidiosa e reaccionaria do clericalismo.

Mas na situação da politica interna e externa da Alemanha, tal qual acima se deixa apontada, facilmente se comprehende que o grande chanceler do imperio não quizesse augmentar as difficuldades do seu governo com a aquisição de novos dominios em terras d'alem-mar. Bem pelo contrario. Na epocha a que nos temos referido, tanto quanto pode ser possivel penetrar com o raciocinio longinquo nas sinuosidades da politica bismarkina, é licito assentar em que o supremo arbitro dos destinos da Alemanha não só não desejaria que seus compatriotas pensassem em aventuras colonias, como chegara a não querer que elles sabsessem da patria, fosse para onde fosse.

A razão d'este singular despotismo deixou-a, ha vinte e oito annos, estampada em um livro — por signal, e tambem por infortunio nosso, bem pouco lido e meditado, a julgar pelo que se está vendo — aquelle espirito universal, aquelle espirito luccidissimo que, na patria de Camões, se chamou Alexandre Herculano.

Fazendo a critica ao inquerito estatístico a que pelos annos proximos do de 1874 o principe de Bismarck mandara proceder, no tocante á emigração de seus compatriotas para a America, documento que o sr. Paulo de Moraes allegava ao grande historiador, para lhe persuadir que os emigrantes alemães eram todos remediados, pelo menos, e que o proletariado alemão, apesar da sua miseria, não emigrava, Herculano respondia-lhe, na *Carta VI*, sobre a *Emigração portuguesa*, o seguinte, que se data de outubro de 1874:

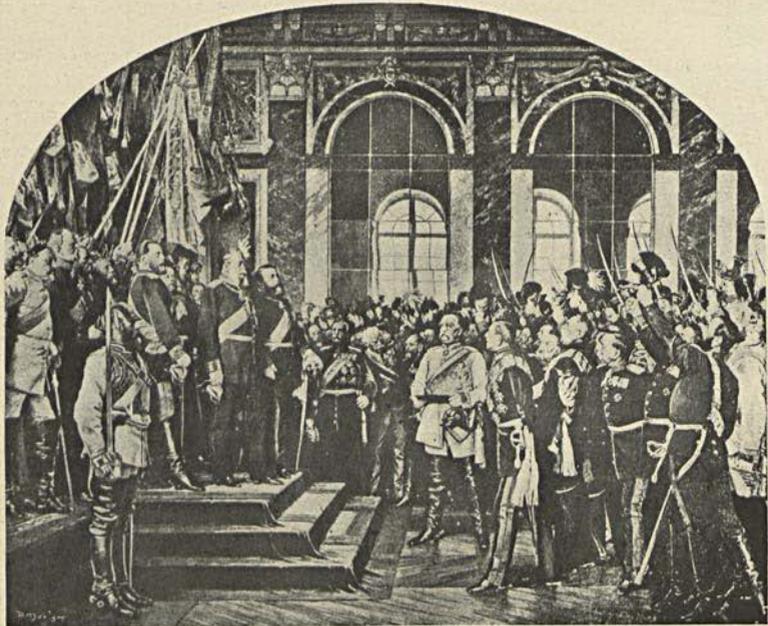
«Perdoe-me o meu amigo Paulo de Moraes uma supposição vaidosa até á extravagancia. Se eu fosse o principe de Bismarck, com o systema um pouco militar da administração prussianna, mandava des-

cançar os inquiridores nas casas-matas de Spandau, para lhes fazer notar que o gracejo não é admissível em objectos de serviço. Só deixaria de o fazer, se particularmente lhes houvesse recomendado que achassem esses resultados moralmente impossíveis... Não creio uma palavra dos fins apparentes e dos resultados objectivos do inquerito. Creio, porém, que milhares e milhares dos mais robustos braços, que o rio caudal da emigração arrasta annualmente, fariam enorme falta ás espingardas de agulha, no dia em que a França cedesse ao appetite de ser esmagada de novo. Se o chanceller pensa seriamente em retel-os, não ha de ser só a estatística encarregada de dar plausibilidade ás suas providencias; ha de ser toda a sciencia allemã sem exceptuar a critica de Strauss e a philosophia de Hegel.

«Quando o imperador Guilherme prohibiu ás companhias de caminhos de ferro que fizessem abatimento nos preços de transporte aos que se dirigiam aos portos de mar para emigrarem, e que esta singular prohibição levantou altos clamores nos Estados-Unidos, o mi-

no seu livro *La conquête de l'Afrique*, excellente repositório de curiosas informações sobre a conquista da Africa pela Europa, durante o ultimo quartel do seculo xix, refere-se Jean Darcy largamente a esta moderna e vastissima colonia de exploração, devida á ousada iniciativa e poderosa influencia do rei dos belgas. Descreve a singularidade da sua origem, a vontade arrojada e ao mesmo tempo reflectida que preside aos seus destinos, e por ultimo a sua grande importancia politica, economica e commercial n'um futuro mais ou menos proximo. Embora nem sempre de accordo com as suas apreciações, é-nos, todavia grato, deixar consignado o cunho de imparcialidade que as distingue nas suas referencias a Portugal. No decurso d'este nosso modesto trabalho teremos occasião de utilizar as suas valiosas informações.

E, na verdade, um facto sem precedentes na historia dos povos o subito apparecimento do «Estado independente do Congo», creado em condições extraordinarias, para não dizermos extravagantes, pela



Proclamação de Guilherme da Prussia como Imperador da Alemanha, em Versailles, a 18 de janeiro de 1871

nistro allemão em Washington viu-se constringido a confessar que as providencias tomadas significavam precauções contra as tentativas de desforra da França. Não eram capitães, eram braços que o governo queria r' ter.»

Eis realmente explicada a nenhuma affeição do *chancellor de ferro* ás empresas ultramarinas de seus compatriotas. No dia em que a França se aventurasse a levantar a cabeça em frente da Alemanha, vê-se-ia esta obrigada a deixar em repouso nos arsenaes as suas espingardas, não tendo quem as manejasse?

Nem era preciso ser-se um Bismarck, para se não descuidar em prevenir a eventualidade.

Passou, porém, o perigo, ou a hypothese se amostrou retardatoria na resolução.

Como quer que fosse, aquelle que tanta negação patenteara em animar os seus administrados a estabelecerem se colonialmente em Africa, e tanto se empenhara em difficultar-lhes os meios de passarem á America, não viu difficuldade em patrocinar os projectos de Leopoldo, rei dos belgas. Não era, decerto, o proletariado allemão que Leopoldo interessaria na empresa.

A orientação colonial da Alemanha teve, com effeito, o seu inicio em 1884, com a intervenção de Bismarck na constituição definitiva do Estado independente do Congo.

vara magica de um homem, que, tendo noticia da existencia de certa extensão territorial d'Africa, até então mal conhecida, se fez proclamar seu senhor e soberano, e como tal reconhecer por todas as potencias do globo, que todas á uma garantiram ao novo Estado a sua neutralidade, autonomia e independencia.

Foi Stanley, com a sua viagem atravez do continente negro, quem despertou as desmedidas ambições do rei Leopoldo. Antigo jornalista e agente de negocios, — John Rowland é o verdadeiro nome do celebre explorador — tendo feito uma das mais notaveis travessias d'Africa, pelos valiosos subsidios com que opulentou a sciencia, não lhe permittiu a desmedida vaidade deixar o seu credito por mãos alheias. Fez-se Plutarcho de si proprio, escrevendo a sua *olysséa* á Julio Verne, cheia de aventuras extraordinarias, e episodios imaginosos, em perfeita harmonia com o titulo do seu livro.

Não é nosso intento amesquinhar a obra de Stanley, que é grande, nem apoucar o seu merecimento, que é immenso, embora pela sua attitude hostil e manifesta má vontade para conosco, em todas as suas referencias a Portugal, nos sobrassem razões para exercer uma critica severa, e reduzir á justas proporções o valor dos seus trabalhos.

A bem da sciencia e pelo amor da gloria, expuzeram-se tambem a trabalhos e perigos, antes e depois d'elle, exploradores notaveis, como Livingstone, Emin Pacha, Cameron, Brazza e outros, entre os quaes podemos afoitamente enfileirar os nossos, Serpa Pinto, Capello e Ivens, «trabalhos e perigos que sempre ás grandes coisas se oppu-

zeram», na phrase do nosso grande Epico, mas a nenhum d'elles pasou pela mente emocionar o publico romantizando aventuras.

Anunciara elle *urbi et orbi* que ia descobrir o paraíso de Levingstone, perdido no mais recondito d'África, e arrebatar o grande homem aos mysterios do continente negro. Atevedo Emin Pachá, retido prisioneiro n'um recanto ignorado do Leste africano, tomára a si tambem a nobre missão humanitaria de o libertar, arrancando ao fanatismo musulmano o heroico peemeiro da civilisação.

Quiz porém a má sorte que lhe falhassem os calculos, sujeitando a um completo fiasco o plano, pretencioso e phantastico, traçado pela sua poderosa imaginativa. Levingstone mal repoisado do seu espanto, ao saber que *lora* considerado perdido, declarou peremptoriamente que, achando-se bem, preferia morrer no seu paiz de adopção a acompanhar n'uma viagem de triumpho o seu pseudo-libertador á Europa, enquanto Emin, tranquillo em seus novos dominios, protestava contra o importuno que viera intrrometer-se-lhe nos negocios. Manda a verdade se diga que estas contrariedades, conquanto dessem em terra com as aventuras sensacionais do romance que Stanley gisára na mente, não produziram o menor abalo no espirito sereno e imperturbavel do antigo *reporter* americano. Enquanto Levingstone e Emin continuavam no mais recondito d'África a sua existencia modesta e desprezivel, sem aspirações de grandeza, indifferentes ao bulicio do mundo, Stanley, sedento de gloria e de celebridade, ambicionava o applauso das turbas, sempre facéis em deixar-se arrastar para o enthusiasmo. Desvendando mysterios que se occultam nas trevas d'África, aguçando a natural curiosidade do publico com a narrativa de coisas assombrosas, succedidas em logares ignotos, entre gente extranha, com usos e costumes extravagantes, e no meio d'um scenario onde a phantasia do orador podia espriar-se á vontade, o enthusiasmo da multidão, que é communicativo e se propaga electricamente, convertia-se em delirio, victoriando a palavra fluente e fascinadora do ousado explorador. Foi d'estarte que Stanley se fez consagrar heroe, inscrevendo o seu nome no livro de oiro dos exploradores africanos.

D'entre as nações colonias não se apurou uma que soubesse tirar partido das viagens de seus exploradores.

Tão pasmosa indifferença despertou a natural cobra do rei Leopoldo. Chefe d'um pequeno Estado neutro, sem colonias, sem exercito e sem marinha, julgou azado o ensejo de alargar os seus dominios, e encarrando taes viagens sob o ponto de vista utilitario, tratou desde logo de las valorizar.

Era preciso tomar de surpresa as chancellarias da Europa, importanto não accordar ambigões legitimas, mais ou menos justificadas por direitos adquiridos. Sem hesitações, portanto, que possedes prejudicar a realisção do seu grandioso pensamento, dispensando até a intervenção do seu governo, por confiar mais na pessoal iniciativa, o rei Leopoldo abalançou-se a todos os riscos da empreza, e teve a fortuna de a ver coronada do melhor exito, revelando todos os seus actos um espirito previdente, rara sagacidade e notavel alcance politico.

Em setembro de 1875 levou este soberano a effeito em Bruxellas uma conferencia, na qual, representando a Alemanha, a Austria, a França, a Inglaterra, a Italia, e a Russia, se reuniram os homens mais notaveis em assumptos geographicos, colonias e politicos. Não foi solicitada para este acto a representação das duas mais antigas nações colonias — Hespanha e Portugal —, paizes que pelos seus descobrimentos maritimos, prestaram invidiaveis servicos á navegação e ao commercio, e mais alto levantaram o prestigio da Europa, ensinando aos povos o caminho do mundo, sabrindo ao mundo novos mundos. Lastimavel omisión, na verdade, e tanto mais condemnavel, quanto foi certo ter sido intencional e a exclusão.

Presidia á magna conferencia o rei Leopoldo, manifestando o seu pensamento de abrir á civilisação algumas regiões d'África, ainda mal conhecidas, e a sua inteira confiança no conjunto de aptidões allí reunidas em assemblea internacional, «para a formação de uma cruzada de sciencia, humanidade e progresso digna do seculo XIX».

Foi no seio d'esta conferencia que se creou a «Associação internacional africana», presidida pelo rei dos belgas. A' sombra d'ella, e tambem por sua iniciativa, se organizaram algumas missões, cujos resultados foram pouco satisfactorios. Em vista, porém, do extraordinario successo que teve a viagem de Stanley, delibero o rei Leopoldo apoderar-se, em nome da Associação, das regiões por aquelle descobertas.

Era, porém preciso, em primeiro logar, entender-se com Stanley. Sem perda de tempo foram mandados ao seu encontro os srs. Greindl e Sansford, membros da Associação, com tanta sorte que os dois emissarios se avistaram com o celebrado explorador precisamente no dia do seu desembarque em Marsella. Exposto o plano da Associação, e solicitado o seu concurso, Stanley prometteu-o sem restricções.

N'um abrir e fechar de olhos estava subscrito o capital preciso para a realisção de tão ousado empreendimento, habilitando Stanley a dispor de credito illimitado para uma nova expedição á Africa, munido de plenos poderes do rei e da Associação.

Não poderá o rei Leopoldo dizer: *veni, vidi, vici* — repetindo as celebres palavras de Cesar, ao annunciar ao Senado a extraordinaria rapidez da sua victoria; mais afortunado, porém, do que o foi, sem duvida, o glorioso dictador romano, a historia registará o extranho facto de ter este monarcha vingado conquistar na Africa equatorial, e

com rapidez assombrosa o vasto imperio que se desenvolveu por uma superficie de 2.240.000 kilometros quadrados, tendo uma população de 25 milhões de habitantes — superficie só comparavel á da Europa central, — sem o menor sacrificio de vidas, sem derramar uma gota de sangue! Isto, no ultimo quartel do seculo XIX, quando a febre da expansão colonial parecia ter invadido as principaes chancellarias da Europa e do mundo!

Pouco tempo mediou, relativamente falando, entre a formação do plano de tão grandiosa conquista e a sua realisção. Para não despertar suspeitas, guardou-se a maxima reserva nos preparativos da campanha, partindo Stanley para Zanzibar, a bordo da *Albion*, a fim de recrutar allí o pessoal da expedição.

Dava-se a entender que o explorador faria uma segunda edição da sua travessia, partindo como em 1874, da costa oriental. Era meras atoardas, adrede vulgarizadas para desnoter curiosos. A *Albion*, contornando pelo norte a Africa, chegou ao Zaire em agosto de 1879, desembarcando a expedição em Banana. Não acompanharemos Stanley na sua trabalhosa ascensão, rio acima, pondo a nado, para a viagem de Banana a Vivi, os cinco vapores desmontaveis que trouxera consigo, além de numerosos barcos que transportavam o pessoal e material da expedição. Desmontados allí os vapores, continuou a sua marcha ascensional de Vivi até Pool, pela margem esquerda do rio, através de pantanos e tractos imperviços de terreno montanhoso, n'uma interminavel série de despediaes, ora trepando por ladeiras abruptas, abrindo caminho a machado por florestas virgens, ora precipitando-se vertiginosamente até os mais fundos corregos.

Em dezembro de 1881, após dois longos annos de esforçados trabalhos, quando Stanley se viu, afinal, com a sua expedição em Pool, julgou ter chegado á méta das suas ambições. Aventureiro emérito, de incontestavel valor sem duvida, podia ufanar-se de ser o fundador de um imperio... de conta albeia! Quando, porém, cheio de si, ebrio de gloria, se dispunha a arvorar o pavilhão estrellado de ouro, que a Associação lhe confiára, teve a mais cruel das decepções. Deparou-se-lhe allí, tremulando aliva em solo que supuzera virgem, a bandeira tricolor franceza!

Estava tomado o logar. Stanley *lora* precedido por Savorgnan de Brazza, que havia sido o primeiro a explorar esta região, e entretivera sempre as melhores relações com os seus principaes regulos.

O notavel explorador a quem a França deve esta pagina brilhante da sua historia colonial, apresentando o plano da Associação, e não se deixando illudir pelo que ella pretendia fazer *erér*, entrara a vigiar cuidadosamente os movimentos de Stanley. Vendo confirmadas as suas apprehensões, ao saber que a *Albion* passára o canal de Suez e o estreito de Gibraltar, partiu sem demora para o Gabão, e a testa dos seus fleis senegaleses, encontrando as maiores facilidades no seu trajecto por caminhos já trilhados pela sua primeira expedição, conseguiu chegar á região cobizada em setembro de 1880, antecipando-se assim a Stanley tempo consideravel, que foi por elle habilmente empregado em firmar tratados de amizade, e protectorados, com os chefes das principaes tribus. Na margem direita do Pool fundou a estação, que recebeu posteriormente o nome de *Brazzaville*, e confiando a guarda do pavilhão nacional ao seu immediato, o sargento Malamine, desceu o rio a tomar posse da sua margem direita.

Foi o sargento Malamine quem, em nome da França, com a altivez e orgulho da nobre missão que lhe fôra confiada, recebeu Stanley, com os seus soldados, os seus canhões e os seus vapores...

Ante o facto consummado era forçoso ceder. Em dezembro de 1881, o infatigavel explorador forçado a retroceder para a margem esquerda do rio, lançou allí os fundamentos da estação, a que deu o nome de *Leopoldville*. Pondo a nado os vapores da Associação, proseguiu a passos agigantados a exploração regular e methodica do alto Congo, subindo o rio ainda além dos *Stanley Falls*, e reconhecendo os seus principaes afluentes. Ao passo que se adelantavam os trabalhos, pondo a descoberto a rde fluvial na sua maior extensão, pateante-se a opulencia do solo nas regiões adjacentes.

Os resultados obtidos em tres annos consecutivos de porfiado trabalho, a que presidia a melhor orientação e superior criterio, crearam susceptibilidades entre vizinhos e despertaram a cobra dos poderosos. Acordon Portugal do seu profundo lethargo, e desprezendo se a muito custo da inextricavel meada, em que o traz envolvido a sua politica interna, mesquinha, atropiante e esterilizadora, solicitou a intervenção da sua antiga e fiel aliada para lhe fazer valer os seus direitos historicos a toda a embocadura do rio.

Era manifesta a má vontade da Inglaterra para com a Associação internacional, que, apoderando-se da bacía hydrographica do Congo, subtrahia á sua influencia a região mais florecente e promettedora da Africa central. Não possuía, porém, o governo inglex outras razões, senão as da propria conveniencia, e até lhe faltava uma sombra de pretexto para investir com a Associação. N'estas condições, comprehende-se facilmente que o pedido de Portugal, solicitando a sua poderosa intervenção, tivesse no gabinete de Saint-James o melhor e mais enthusiasmo acolhimento.

Pelo tratado de 26 de fevereiro de 1884, a Inglaterra reconheceu a soberania de Portugal em todo o baixo Congo e na embocadura d'este rio, reservando para si vantagens commerciaes e politicas propoednentes. Foi grande o abalo no seio da Associação, que via subitamente

destruída a sua obra. A posse do alto Congo e da sua bacia central perdia o seu immenso valor se lhe não fosse assegurada livre saída para o mar.

Ante a imminência do perigo, o rei Leopoldo, em ultimo recurso, socorreu-se á protecção do homem de estado que então dictava a lei na Europa.

Razões de alta conveniência politica que, a nosso vêr, terão dentro em pouco a sua confirmação, determinaram o benevoloo acolhimento dispensado pelo chanceller do imperio á instantee solicitação do rei dos belgas, protestando desde logo contra as clausulas do accordo anglo-portuguez, e a breve trecho, em 23 de junho, informando officialmente o Reichstag do projecto dos belgas, acrescentava que o governo imperial lhe era favoravel. Foram estes os preliminares da grande conferencia de Berlin, para a qual foram convidados os representantes de todas as potencias interessadas.

Em presença da attitudé intransigente da Alemanha, o governo inglez cedeu, e a 26 de junho fazendo *amende honorabile*, o titular do *Foreign-office* declarou que renunciava a submeter á Rainha a ratificação do tratado! Este foi, sem duvida, um grande triumpho para a Associação internacional, ainda que bem possa vir a amargal-o em epoca que se nos afigura não já muito distante, mas foi sem contestação, um ainda maior triumpho para a politica allemã.

A moralidade d'este facto, ou para melhor dizer a synthese dos successos que o precederam e foram a sua causa determinante, revela o grandioso plano de Bismarck: manter em toda a linha o prestigio da Alemanha, de modo que, tanto na Europa, como na Africa, nenhuma questão politica ou economica possa de futuro ser resolvida, ou regulada, sem a sanction do imperio.

C. DE SOUZA E FAPO.



Ha gente que tem tanto trabalho para fingir que só trata do bem publico, que lhe seria muito mais facil tratar realmente d'elle.

SAY.

Para saber fallar é preciso saber ouvir.

PLUTARCHO.

O homem temperado, como peixinho em ribeiro crystalino, corre suavemente na branda corrente da vida.

FELTHAM.

Seja a tua boca o carcere de tua lingua.

PROVERBIO INDIO.

A philosophia só é apreciavel quando serve para viver bem, e não para ostentar saber.

As grandes acções são os quadros que adornam o templo da immortalidade.

O amigo de todos não é amigo de ninguém.

Os individuos que estão sempre a vigiar a saude, figuram-se-nos os avaros que amontam thesouros de que não sabem nunca aproveitar-se.

STERN.

Os cargos eminentes são como as sumidades dos penhascos: só as aguias e os reptis lá podem chegar.

MAD. NECKER.

Quando encontro um pobre agradeido, capacito-me de que elle seria generoso se fosse rico.

SWIFT.

A dispozição para erer no maravilhoso precede de duas causas: d'um sentimento religioso muito desenvolvido ou da falta de equilibrio entre a imaginação e a razão. Os phantasmas só nas trevas apparecem; um paiz ignorante é sempre meticoloso.

LAMARTINE.



Lagrimas

Cae do ceo, quando é noute, a doce lagrima
Que em vapor se elevou;
Era perfume, incenso, — era um anhelito
Que do val transpirou.

Assim, do coração, nos dias placidos,
Vôam, — se o não sei eu...
Sonhos, perfumes, que depois em lagrimas
Caem, — mas não do ceo.

Julho-902.

E. A. Vidal.



As nossas gravuras

Thermas Portuguezas.—Gerez. A vista geral que hoje reproduzimos d'essa notavel cordilheira de Trás-os-Montes e do Minho, em cuja encosta rebentam em volta de um grande rochedo, nascentes abundantissimas, é das mais pittorescas do paiz. Essas aguas parecendo derivar do mesmo reservatorio subterraneo apresentam no entanto temperaturas differentes, e são de uma composição muito simples pois contem apenas em pequena percentagem diminauta de humidade. São diversas nas nascentes já descobertas e todas copiosissimas, nas suas aguas são essencialmente alcalinas e carregadas de acido carbonico, tendo ainda bicarbonatos de lithio e de sodio e os arsenicais, e recommendam-se para a diabetes, dispepsia, albuminuria etc.

O estabelecimento thermal fica a 30 kilometros de Braga e Guimarães.

Pedras Salgadas.—Outra estação thermal, so longo da pittoresca estrada que vae do Villa Real a Chaves, e que fica a 5 kilometros da Villa Pouca de Aguiar. Foi em 1875 que se organisou a companhia para explorar esse manancial esplendido de aguas reconhecido e efficazes para varios males que affligem a humanidade. São diversas nas nascentes já descobertas e todas copiosissimas, nas suas aguas são essencialmente alcalinas e carregadas de acido carbonico, tendo ainda bicarbonatos de lithio e de sodio e os arsenicais, e recommendam-se para a diabetes, dispepsia, albuminuria etc.

Comandante do cruzador «D. Amélia».—João Manoel Guerreiro de Amorim, commandante do cruzador *D. Amélia*, que accompanhou Sua Alteza o Principe Real a Inglaterra, é um illustre official de marinha disciplinado e intelligente. Tem hoje o posto de capitão de fragata e 47 annos de idade. Foi em tempo segundo commandante do corpo de alumnos da armada. Tem a commenda de S. Bento de Aviz, é cavalleiro da Conceição, e possui as medalhas militares de prata, de bons servicos e de comportamento exemplar. E' capitão de fragata desde Dezembro de 1901, e, por engano, por baixo do seu retrato sahio o nome de Amorim Pessoa em vez de Guerreiro Amorim.

Cruzador «D. Amélia».—E', como se sabe, o primeiro cruzador construido no paiz e a elle se referiu já o *Brasil-Portugal*. Construido em 1899, tem a força de 5-000 cavallos.

Novas forças ultramarinas.—Pela nova organização militar do Ultramar, varios officiaes e soldados do exercito do continente optaram pelo servico nas colonias, onde houve o proposito de ter um exercito permanente que possa obviar aos inconvenientes e ás despesas occasionadas pelas constantes expedições militares. A nossa estampa representa os officiaes dirigindo-se para o arsenal de marinha, já com os seus uniformes africanos, os largos chapéus desabados com plumas...

Os gigantes e cabeçudos.—E' um dos attractivos mais afamados das festas populares em Hespanha, esses dos gigantes e anões, passando em procissão entre a gargalhada da multidão e as chufas do rapazio alegre e estouvado.

A nossa gravura é reprodução de uma photographia feita em Vigo por occasião de uma d'essas festas.

Praia da Rocha.—E' uma das praias mais vastas não só de Portimão e do Algarve, como ainda de todo o paiz. A gravura o está demonstrando. Toda de areia, para além dos rochedos, ali vieram ha uns vinte annos parar, dentro de uma rede do pesca, oitenta e cinco *seixos*, de cinco a seis metros de comprimento cada um, foram o assombro dos banhistas até ali. Os *seixos* é um cetaceo feroz e vivacissimo, parecido com a truinha mas mais corpulento, o inimigo fidalgo do pacifico atum, o celebre *dolphin orca*, de Linenthon acabou a pescaria do atum e os *seixos* vinham naturalmente perseguindo a sardinha, quando cahiram na rede.

Mr. Mac Donell.—Durante dez annos representou este illustre diplomata o governo da Grã Bretanha junto da corte portugueza, onde era respeitado e estimadissimo pelas altas qualidades de caracter e de espirito e pelas nunca desmentidas provas de affeição que deu ao nosso paiz, em circumstancias ás vezes bem difficis.

Á sua retirada de Lisboa pôe termo á sua carreira diplomatica, por ter attingido o limite da idade.

A bordo.—Que primor de observação e de concepção artistica, esse quadro do celebre pintor brasileiro Wenigertuer. Difficilmente se poderia melhor fazer reviver n'uma tela a vida de bordo, com todas as suas peripécias e com todos os seus variados personagens!

Pedro Victor da Costa Sequeira.—O illustre estadista que preside hoje o governo da Casa Real, a convite de El-Rei, foi ministro das Obras Publicas no gabinete Dias Ferreira em 1893. Engenheiro distinctissimo, tendo feito um curso brilhante em Paris, espirito culto e ponderado, conhecendo bem todas os ramos de servico do seu ministério, demonstrou ainda na gerencia da sua pasta altas qualidades de administrador que o recommendaram por certo para o cargo que hoje exerce. E' além d'isso um homem bom, em toda a accepção da palavra.

O espectro de José Durand



esté Durand, chefe dos pertences do theatro da Porte Saint-Martin, era poeta e não deixava por isso de ser um excellentê chefe dos pertences; pelo contrario nunca um servidor mais consciencioso e mais infatigavel trabalhou debaixo das ordens de um director de theatro, mas ás vezes a febre da escripta apoderava-se d'elle, e então quando a obra estava completa, devia fugir d'elle quem não quiz estar agarrado pelo bofão do caso para ouvir Durand, com os olhos ao alto, recitar-lhe o Poema da platea ou as Estancias da orchestra.

No principio da estação, uma bonita e intelligente rapariga entrou no theatro para representar pequenos papeis. Era filha unica de uma pobre viuva que ganhava a sua vida como costureira. A rapariga chamava-se Rosa Halet. Começara a sua carreira theatral como corista, mas, á força de trabalho e de perseverança, conseguira obter educação sufficiente para poder desempenhar alguns papeis.

Durante a epocha tinha melhorado tanto pela pratica nos varios papeis que tinha desempenhado, e ganhara tanta confiança com os louvores e as animações do ensaiador e da companhia que todos lhe prophetisavam uma brillante carreira.

Entre os actores, cuja benevolencia e cujo ensino mais tinham concorrido para o desenvolvimento da actriz, deve-se citar João Lestaire, que fazia os papeis de galã. Era actor de primeira ordem e excellentê rapaz, que faria carreira decerto se não fosse a mania desgraçada que tinha de fazer partidas a toda a gente.

Os directores e os empresarios nem sempre gostavam d'essas partidas, e que davam muitas vezes em resultado serem elles victimas do riso dos actores e dos empregados, e João Lestaire tinha de reconhecer o sentimento dos empresarios, quando os viu recusar-se a escriptural-o, apesar do seu grande merecimento.

A necessidade e a experiencia tinham-no forçado a poupar os empresarios, e como a companhia da Porte Saint-Martin tambem se acantelava com elle e já se não deixava cahir nos seus laços, João Lestaire escolheu para sua victima o pobre chefe dos pertences, que, sendo aliás um rapaz intelligente e esperto, cahia em ler os seus versos e em dar copias ao seu hyper-critico patrono, que depois lh'os pervertia e adulterava, indo-os ler para o *fogey* aos seus camaradas com gestos tão extravagantes e influxos tão comicos que todos riam ás gargalhadas.

O divertimento de João Lestaire terminou uma noite, graças ao inesperado procedimento de Rosa Halet, que protestou com indignação contra o ridiculo a que expunham todas as noites o pobre poeta que nem o suspitava, e declarando que, se isso continuasse, avisaria a victima.

João Lestaire persistiu, e Rosa Halet mostrou que era mulher de palavra. Viu-se logo o resultado no dia seguinte, quando a esposa de João Lestaire que lhe pediu uns versos para elle recitar n'um intervalo, José Durand lhe voltou as costas, dizendo-lhe: «Faga-os você, e vá para o diabo.»

Dahi resultou uma grande frieza de relações entre o actor e o chefe dos pertences, frieza compensada pelo interesse que Rosa Halet fazia pela obra pelos versos do poeta, que iam tomando umas tendencias cada vez mais amorosas. Houve suspeitas d'isso, quando uma actriz encontrou no camarim de Rosa uns versos apaixonados, e ás suspeitas confirmaram-se quando n'um ensaio, tendo Rosa deixado o seu indispensavel em cima de uma cadeira enquanto ia para a scena, as suas collegas lh'o abriram e encontraram mais versos. Mas afinal todas as duvidas se dissiparam quando se soube officalmente que Rosa Halet casára com José Durand.

A epocha estava a findar, tratava-se de montar uma magica para o verão, e José Durand não pensava em outra coisa. As cenas estavam sendo fracas, e, enquanto não vinha a magica, faziam-se *repriees* successivas de peças antigas, sendo por conseguinte os ensaios feitos muito á pressa. Ensaio-se assim uma peça, que tinha por heroína uma mulher casada que fugia ao marido. Rosa teve de fazer o papel principal. O ensaio corria em grande abandono. O ensaiador tratava da magica, o qual estava distrahirido. José Durand andava correndo Paris a fazer compras.

No drama havia uma carta que se suppunha escripta pela mulher fugida, dando conta ao marido da sua resolução. Como o ponto estava occupadissimo a fazer cortes e modificações no manuscrito da magica, Rosa copiou a carta com a sua propria letra, e foi deixal-a em cima da mesa do ponto. Ora João Lestaire deu com ella, exactamente quando Rosa, que acabava de receber um telegramma, corria muito excitada a dizer ao ensaiador que a dispensasse do ensaio d'essa noite, porque recebera um telegramma participando-lhe a doença de sua mãe, que estava em Versailles. Como o theatro dera *relâche* por causa dos ensaios da magica e dos ensaios da *repriee* a sua ausencia não fazia falta.

Deu-se-lhe a licença promptamente. Escreveu á pressa um bilhete ao seu marido, explicando o motivo da sua ausencia; deu-o ao ponto para o entregar ao Durand, que devia voltar ao theatro ainda n'essa manhã. Correia para fóra do theatro, atirando um adeus a João Lestaire cujo cerebro activo logo concebeu a idéa de escrever a partida a Durand. O ponto estava distrahirido; Lestaire agarrou no bilhete, abriu-o facilmente porque o sobrescripto quasi não estava fechado, e n'um momento substituiu a carta do drama á carta da actriz.

O ensaio estava acabado, e já João Lestaire se despedia até á noite quando Durand appareceu, sendo-lhe logo entregue a carta.

Durand leu-a no theatro escuro á luz da vela do ponto, amanchucou-a, sem dizer palavra, dirigiu-se, muito pallido, para a casa dos pertences, que ficava proxima do urdimento.

Lestaire, que na verdade era um excellentê rapaz quando o não cegava a sua paixão dominadora, reparou na horrivel pallidez de Durand, e ia a correr atraz d'elle para explicar tudo, quando entraram uns alegres amigos que vinham convidal-o para ir jantar com elles a um *restaurant*. Arrastaram-no consigo, apesar d'elle se esquivar, e tambem devemos dizel-o, no ardor da festa não tardou a esquecer-se de Durand, e só quando o chefe do theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.

—O que está este theatro é que se lembrou, com um punhimento de remorso, da cruel partida que fizera a Durand.

—Tarde como de costume, sr. Lestaire, disse o ensaiador quando Lestaire appareceu.

—Vamos! murmurou o ponto, e o ensaio continuou, apenas com a falta de alguns pertences essenciaes, e que afinal, depois de muita demora, foram trazidos pelo ajudante de Durand.



CONSELHEIRO PEDRO VICTOR DA COSTA SEQUEIRA
Administrador da Casa Real

Abriu-se a porta, e Lestaire foi saúdado por uma gargalhada que durante muitos mezes lhe retinira aos ouvidos.

— Mas o corpo?

— Fil-o eu, e eu o enfouquei. Quando o senhor fazia froça aos meus versos todos concluíam a partida mesmo eu. Esta, todos a conheceram menos o senhor. Aceiteu um bom conselho: deixe-se de partidas, e, quando tiver tentações de fazer alguma, pense que os actores cabem típo facilmente como os poetas, e lembre-se do «espectro de José Du-rand».

V. COVAX.

A corôa do beneficio

PARECE um conto inventado, mas é uma historia verdadeira. Não foi testemunha presencial d'ella, mas contou-m'a uma pessoa que estava no theatro na noite em que essa aventura de amor muito conhecida no Porto teve o seu desenlace tragico no theatro de S. João.

Porque foi no theatro de S. João que a scena se deu, foi no Porto que se passou essa aventura de camarim, que os cancaes de bastidores espalharam rapidamente por toda uma certa roda da cidade, a roda que frequenta theatros, que anda pelos palcos, que se importa com as cantoras.

A Bernadetti estava então fazendo *sucesso* ali, na capital do norte, *sucesso* de mulher, porque era uma veneziana formosissima, successo de cantora, porque tinha talento, porque tinha uma voz deliciosa, que começava então a fazer-se ouvir no mundo lyrico e que prometia com o tempo vir a dar muito que fallar de si.

Debutara ha pouco tempo no theatro, e, tambem na vida. Era muito nova ainda; casara aos 16 annos, ella, filha de um gondoleiro pobre, com um rico senhor veneziano; mas, *toqué* como quasi todas as grandes artistas, sentindo-se possessa do demonio da arte, atirara um bello dia com o *bonnet* por cima dos moinhos, deixara o seu nobre marido a dar millo aos pombos da praça de S. Marcos e abalara com um tenor francez que por ali passara e que lhe dera umas poucas de lições de canto.

Depois fizera ao tenor o mesmo que ao marido, e, divorciada completamente de todas as considerações sociais, lançou-se de braços abertos na vida theatral.

Como era bonita, como tinha talento, voz e espirito, todas as portas se lhe escancararam de par em par, e a sua carreira, apesar de em começo ainda, já triumphante.

Por toda a parte onde apparecia — as ovações vinham ao seu encontro: a gloria começava a bordar-lhe a brilhante aureola da celebridade.

Foi no caminho d'essa celebridade que ella veio parar ao Porto. O empresario propuzera-lhe a escriptura para o theatro de S. João, Portugal; ella enganou-se, tomou S. João por S. Carlos, e veio radiante julgando vir fazer uma época para o theatro lyrico de Lisboa, que, como todos sabem, é um theatro de importancia maxima na carreira italiana. Quando-deu pelo engano ficou furiosa, quiz quebrar a escriptura, recusou-se terminantemente a cantar.

O empresario supplicou primeiro, depois ameaçou com a policia e com os tribunaes; mas, vendo que ameaças e supplicas davam o mesmo resultado nullo, resolveu-se a offerrecer-lhe maior escriptura.

Ella accetou, embora de mau humor. Já que estava no Porto, cantou e debutou na *Lucia* com um exito enorme.

A sua voz e a sua belleza produziram uma sensação profundissima era um encanto ouvi-la, era uma adoracion vel-a.

O publico começou a fazer-lhe ovações delirantes, e os dilettanti enche-ram-lhe o camarim de flores e de declarações apaixonadas.

E no Porto não se fallava d'outra coisa senão na Bernadetti.

Da cantora todos diziam maravilhas: era um homama em *unisono*; nos canticos á mulher havia notas discordantes — as dos despeitados.

E eram numerosos esses despeitados, eram mesmo todos que se acer-cavam.

A Bernadetti era caprichosa, *toqué*: a sua virtude não afugentava ninguém, mas o seu capricho rejeitava toda a gente.

Entre essa toda a gente houve um rapaz que a tomou a serio, que se amou loucamente, com uma paixão á Antony ou á Armand Duval.

Sacrificou tudo a essa mulher: a paz do seu lar, a honra do seu nome.

Fez doçides para lhe obter um olhar; chegou a fazer infamias para lhe alcançar um sorriso.

E alcançou.

Alcançou esse sorriso, obteve esse olhar. Bernadetti deu-lhe todas as esperanças imagináveis, *coquetico* com elle com a arte suprema das mulheres que se sentem adora-das, mas, quando chegou o momento de realizar as suas douradas promessas, riu-se-lhe na cara, enxotou-o com o bico elegante do seu sapatinho de setim.

E toda a gente soube da aventura, e toda a gente se riu d'elle como de um tolo.

O amor enorme que elle sentia transformou-se então de repente em odio implacavel.

Ella ferira-o cruelmente no seu amor e na sua vaidade, zombara d'elle, insultara-o, ultrajara-o, ridicularisara-o vilmente, desapiadadamente... Elle jurou vingar-se, e vingou-se.

Planeou pensadamente a sua vingança e esperou o momento com se-riedade, com sangue frio, sem precipitações, nem alarde.

A noite do beneficio da Bernadetti chegou.

O theatro de S. João illuminou vistosamente a sua fachada annunciando festa excepcional — a festa do orago da casa, o beneficio da sua diva.

A porta os contractadores vendiam os bilhetes por altos preços: as platéas e os camarotes transbordavam de publico; toda a gente queria assistir ao beneficio da Bernadetti; todos a queriam ouvir n'essa noite cantar pela primeira vez a *Sonnambula*, em que se dizia que ella era maravilhosa; toda a gente queria assistir á grande festa entusiastica que lhe preparavam os seus admiradores e que o boato annunciava já ha muitos dias.

A Bernadetti entrou em scena: as palmas estouraram por todo o theatro; no palco caiu um diluvio de flores.

A formosa cantora era adoravel de simplicidade, de ingenuidade no seu papel de Amina.

A cada uma das suas notas, que tinham a vibração de perolas caindo n'uma taça de crystal, respondia uma tempestade de bravos estridentes, entusiasticos.

No *rosário*, então, que ella cantou magistralmente, lindissima na sua candida *toilette* branca, com os cabellos louros espargidos sobre o colo nu, o entusiasmo assumiu as proporções de um verdadeiro delirio, a ovação assumiu as proporções de uma verdadeira apothose.

De repente, por entre as aclamações ruidosas do publico, no meio do palco litteralmente atapatado de flores, caiu, atirada de um camarote da ultima ordem, uma formosa e enorme corôa de flores e ouro, uma verdadeira corôa de beneficio, com uma collosal fita, em que se lia, bordado em letras douradas o nome da festejada cantora, e a data d'aquella sua apothose artistica.

Na sala houve um prolongado murmuro de admiracão, e os bravos á artista estancaram em todos os labios entreabertos por um movimento machinal, involuntario, de surpresa e de espanto.

Nunca se vira corôa tão formosa.

A Bernadetti, risonha, com o peito nu a arfar da fadiga do canto e da adoracão da gloria, encaminhou-se para a corôa, e com um sorriso adoravel em que transparecia toda a sua alegre vaidade triumphante da mulher e da artista, curvou-se para a apanhar.

N'isto, como que movida por uma mola, a corôa deu um enorme salto, como se fôra um gafanhoto, e voou rapidamente para o tecto do theatro.

Na sala estourou uma gargalhada homérica, unisona, involuntaria, medonha...

Bernadetti fez-se vermelha como uma papoula, depois empallideceu sinistramente e caiu de braços, no palco, com uma syncope...

O panno desceu logo, e na sala levantou-se um borborinho enorme, em quanto a Bernadetti voltava a si. Á força de reagentes, e em quanto da ultima ordem de camarotes sahia um homem com um volumoso em-brulho debaixo do braço, e um sorriso terrivel, satânico, nos labios...

Na noite immediata o publico indignado preparava á cantora uma desforra brilhante do ultraje recebido.

A Bernadetti entrou em scena; acolheu-a uma entusiastica salva de palmas. Passada a ovação, a diva desceu ao proscenio e abriu a bocca para cantar as primeiras notas da *Sonnambula*. Abriu a bocca, mas em vez de nota sah-lhe um grito terrivel.

A commocão fortissima da vespera, a corôa do beneficio, fizera-lhe perder a voz.

GERVÁSIO LOBATO.

EMENDA

Ha em teu rosto uma fenda,
Que bom sei ser verdadeira,
Mas que me quicima em dejes;
E fazer-lhe certa emenda,
Crê, talvez, não fosse asseira;
Era cerial-z de beijos!

Araujo Pereira.



A' BEIRA DO MATTO

POLITICA INTERNACIONAL

A o mesmo tempo que a victoria relativa dos nacionalistas nas recentes eleições geraes francezas procurava insufflar novo alento ao partido chauvinista da *revanche*, decretava o imperador Guilherme uma medida, que é resposta habilitissima aos diplomatas que a cidade de Paris acaba de conferir á maioria dos seus deputados. O Kaiser, depois de uma curta estada na Alsacia ordenou a supressão do "paragrafo da dictadura", nas duas provincias annexadas, acabando assim com os poderes dictatoriaes de que estava investido o governador das mencionadas provincias e fazendo as entrar no direito commum, de par com as demais regiões do imperio.

Acabando com o regimen de excepção, que ha trinta annos pezaava sobre a Reichsland, Guilherme II foi duplamente habil. Sob o ponto de vista nacional, por fim á differença que ainda separava as duas provincias annexadas do resto do imperio, e preparou assim o terreno para uma união mais íntima, verdadeira fusão, que de resto nunca se viu mais e mais accentuando. Ao mesmo tempo eliminou da politica interna, tanto geral como local, especialmente na Alsacia, um pretexto para constantes recriminações e um estímulo para a opposição da minoria, que até hoje se conservou intransigente para com o estado de cousas creado pelas victorias allemãs de 1870.

Onde, porém, o effeito do decreto de Guilherme II produziu maior sensação foi em França. E comprehende se bem porquê. Mesmo aos francezes de mente não moderado não era de todo desagradavel a continuação de um regimen, que representava a clara confissão de quanto era fundo e inextinguível no coração da Alsacia-Lorena o amor pela antiga patria. A Alemanha conseguia dominar em Strasburgo pela força das bayonetas e escudada pelas disposições de uma legislação draconiana, mas não podia aspirar a vêr a sua hegemonia aceita pelos vencidos, que persistiam em conservar-se irreconciliáveis. E á França competia, como justa compensação e em affectuosa correspondência, manter o fogo sagrado da patriótica *revanche*, que mais tarde ou mais cedo havia de trazer á nação mutilada as duas provincias *irredentas*.

Foi este bello sonho, ou antes este programma mais ou menos sincero do nacionalismo francez, que o imperador allemão acaba com grande oportunidade de lançar por terra. Crouamente diz Guilherme II á França e á Europa, que a obra da pacificação da Alsacia-Lorena está feita, que a união das duas provincias ao imperio é irrevogavel e tão completa, que, fundada na adhesão das populações, já não carece de legislação excepcional para se manter. Que resta agora ao partido da desfora em França? Deve confessar-se que foi de mestre o golpe infligido pelo imperador ás veelleidades nacionalistas, ás quaes Paris com bem pouco criterio quiz dar um inesperado alento.

Porisso é summamente interessante e significativa a attitude da immensa parisiense ao commentar o decreto, que supprime o paragrafo dictatorial. A *Republique française*, o jornal de Méline, vê n'esse decreto um grande passo para a França, e dá o seguinte conselho: abster-se de apelar o pelas dolorosas recordações que lhe traz á memoria. A *Libre Parole* declarou-se tristemente impressionada pela medida decretada por Guilherme II. A *Autorité* celebra com prazer a supressão do paragrafo de excepção, mas supõe que os sentimentos das duas provincias ficarão os mesmos. O *Gaulois* diz que o acto do imperador, mais do que dictado pela magnanimidade, o foi pela justiça. O *Figaro* finalmente declara que, apesar d'esta aproximação, sentimentos de duentons annos não se apagam assim. Como se vê a nota é accentuadamente melancolica, insistindo mais ou menos todos os jornaes em que apesar do acto imperial a situação das duas provincias, com relação á antiga patria, ficará á mesma. A nós parece-nos, pelo contrario, que agora é que a França perdeu de vez a Alsacia e a Lorena.

Está finalmente ajustada a paz na Africa do sul e E' a noticia que a estas horas circula na imprensa de todos os paizes, e que constitue o acontecimento palpitante da quinzena. Como se chegou a este resultado, embora interessante para conhecer-se por mais de uma razão, tem no momento actual importancia secundaria. O principal por agora é saber-se que a guerra cessou, e que a tranquillidade se renascer no vasto territorio, que ha tres annos estava sendo assolado por uma das luctas mais sangrentas, que a historia rememora. Não poderia ter-se chegado mais cedo ao que se chama a alcanço, quando um dos luctadores estava prestes a sentir-se esgotado de forças? Entendemos que sim, e pela nossa parte e n'estas mesmas columnas mais de uma vez o dissemos. Até um certo ponto a resistencia dos boers foi heroica, porque tinha um fim. D'ahi por diante, porém, sem objectivo e sem esperança, tornou-se apenas n'uma teimosia, que custou inutilmente muitas lagrimas e foi responsavel pela perda sem proveito algum de muitas vidas preciosas. *La victoire n'est hélas que un instant, qu'elle est nulle, dit o proverbio francez, e nunca semelhante aphorismo pôde encontrar melhor applicação. Depois da tomada de Bloombfontein e de Pretoria os boers deviam ter pedido a paz, ou quando muito depois de haverem mostrado aos inglezes, que podiam continuar uma devastadora guerra de guerrilhas. N'essa occasião não estavam ainda esgotados de recursos, como de facto o demonstraram, e podiam impôr algumas condições. Eram ainda então uma potencia com que a Inglaterra podia quiz tratar de paz, tanto mais que estava fresca na memoria de todos a heroica defesa de Croone, o epico soldado diante do qual se curtava o respeito o proprio lord Roberts.*

O egoismo, porém, de Krüger e de *desterio* que o cercava, na qual é figura proeminente o dr. Leyds, conseguiram protelar a guerra, impondo assim duros sacrificios á população boer, que litteralmente se viu dizimada pela mortalidade das crianças nos campos de concentração. A Inglaterra por outro lado obrigada a um esforço collossal de gente e de dinheiro, foi cada dia, como era natural, restringindo mais

as concessões, que de principio poderia fazer sem desdouro para o seu prestigio. E foi por semelhante teimosia, não do povo boer que não é d'isso responsavel, mas d'alguns dirigentes, que na prolongação da guerra iam já quizs encontrando occupação definitiva, que os habitantes das duas republicas sul-africanas, em vez de alcançarem uma paz a que lhes dava direito o seu heroismo, apenas puderam obter a cessação das hostilidades por meio de uma *humildade* ao vencedor.

Não ha duvida de que a Inglaterra, que foi persistente, como nenhuma outra nação na lucta, ha de tambem ser mais do que nenhuma ser generosa na victoria. São d'isso fladores os seus processos colonias. Mas esta circumstancia em cousa alguma altera a situação, que foi para os boers evidentemente agravada pela politica de egoismos, mascarada com a intransigencia de um falso ou pelo menos mal orientado patriotismo, a qual sem attender aos verdadeiros interesses da nação, prolongou contra toda a expectativa uma resistencia de antemão condemnada a ser mais do que estéril, contraproducente.

A paz está, porém, feita. E' este o grande facto, que no momento actual á todos sobreleva. E não só está feita, mas ultimou-se em condições, que só uma nação como a Inglaterra podia dictar. Não é o *vae victis* para extermínio dos vencidos. Pelo contrario. E assim parece reconhecer o os proprios boers, que pela bocca dos seus cheffes mais autorisados, como Schalck-Bilger e Botha, pedem a reconciliação sincera das duas raças, e o mais esquisocimento do triste lucta em que inglezes e africanos andaram por tres annos envolvidos.

Apraz-nos crêr, que assim acontecerá; e que ao menos não terão sido perdidos para a grande obra de uma paz duradoura na Africa austral, os sacrificios e os heroismos, que d'uma parte e outra nobilitaram os combatentes, que agora fraternizam, respeitando-se mais, porque melhor se conhecem.

Pedio ainda a demissão, como ha algum tempo estava annunciando, o ministerio francez presidido pelo sr. Waldeck-Rousseau. E' um facto novo não só em França mas nas outras nações em que vigora o regimen parlamentar, que se demitta um governo que acaba de alcançá-lo assignalado triumpho eleitoral. Sob este ponto de vista o estadista demissionario rompe com as tradições geralmente acceitas, e reivindica para si uma liberdade d'acção, que até hoje não se reconhecia aos que assumiam a pesada responsabilidade do governo de uma nação. Procederá bem o sr. Waldeck-Rousseau? Procederá mal? O futuro se encarregará de dizer. Do que não ha duvida é de que proceda com grande isenção e notavel desprendimento das tão vulgares e tão naturaes ambições do mando. Já um seu compatriota tinha dado igual exemplo, embora em condições differentes. O sr. Casimiro Férier tambem renunciou voluntariamente ao alto cargo de presidente da republica, embora tivesse todas as adhesões indispensaveis para poder governar.

Tambem n'um caso n'outro caso, porém, as explicações dadas da renuncia não satisfizeram inteiramente. A respeito da saída do sr. Waldeck-Rousseau já nós aventámos no ultimo numero d'esta revista uma razão. Será ella, entretanto, a verdadeira? Tambem n'este ponto o futuro se encarregará de nos esclarecer.

O que é certo é que depois de um governo singularmente habil, e podemos mesmo dizer afortunado, o chefe do ministerio vencedor em toda a lucta se retirou pelo menos por algum tempo da politica activa. O seu logar já está preenchido, tendo o sr. Waldeck-Rousseau a crise de accordo com as indicações do corpo eleitoral. Foi chamado a constituir o novo ministerio o senador Combes, antigo ministro da instrucção publica no ministerio presidido pelo sr. Leon Bourgeois. A feição do novo governo, como não podia deixar de ser, é accentuadamente radical. Foi esta a orientação que a camara logo na sua primeira sessão impoz ao presidente da republica, elegendo para a presidencia o sr. Leon Bourgeois em oppoção ao antigo presidente das ultimas sessões, o sr. Paulo Deschanel.

Resta saber qual é o programma do novo ministerio, e como elle o realizará. Na declaração lida perante o parlamento pelo novo presidente do conselho falla-se entre outras medidas na abrogação da lei Falloux. Seria este acto de grande alcance, pois continuaria, accentuando-a ainda mais, a politica anti-clerical de Waldeck-Rousseau. A liberdade de ensino hoje a arma mais terrivel que os reactionarios possuem em França. E' graças a ella, que elles teem na mão uma parte da juventude das escolas, e que se tornam ainda possiveis, depois de mais de trinta annos de republica, os combates que no proprio coração da nação, em Paris, se ferem contra a liberdade. Arrancar-lhes, pois, essa arma, será o golpe mais certo que se lhes possa vibrar. Terá, porém, este governo força bastante para levar a cabo semelhante empreendimento, contra o qual as forças colligadas da reacção tentam o seu supremo esforço? Na constituição do ministerio Combes foram postos de parte os socialistas, e elles teem na mão a maioria do ministerio anterior. A que principio obedeceu esta exclusão? Foram razões de ordem interna, que a motivaram? Foram motivos de ordem exterior que lhe deram causa? Não ha duvida de que na Russia a tinta socialista do ministerio Waldeck-Rousseau era mal vista, e de que os socialistas francezes são os inimigos intransigentes da aliança franco-russa, como bem o demonstraram por occasião da ultima visita do tsar a França. Não seria S. Petersburgo que impoz, ou pelo menos occasionou a exclusão do actual governo do grupo socialista, exclusão tanto mais incomprehensivel quanto é certo que a eleição enviou á camara o sr. Jaurès, o mais eloquente e prestigioso defensor da estada do sr. Millerand nos bancos ministeriaes? E não fará falta ao sr. Combes nos renhidos combates, que vai ter que ferir contra a reacção, o apoio dos que foram os valentes aliados do seu predecessor?

CREPUSCULO



Desenho de Francisco Villaça

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo d. Conde Barão, 50

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Paginas supplementares: Off. Estevão Nunes & F.º
Rua d'Assumpção, 18 & 24

Directores

Augusto de Castello, Jayme Victor, Leôpoldo Tavares
Editor—Luiz Antonio Sanches
Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125
End. telegraphico—BRATUOAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	Moeda estrangeira.....
Numero avulso.....	30\$000	6 meses.....	70\$000
	2\$000	3 meses.....	35\$000
		Numero avulso.....	2\$500
			6 meses.....
			70\$000
			Numero Avulso.....
			2\$500

SUMMARIO

TEXTO

As festas garronetas no Porto—A hermesse no Palácio de Crystal.
Linda—a Pastora—GARRETT.
Soror Primavera—CATULLE MENDES.
Impossivel—ALCANTARA CARREIRA.
Conquistas humanas (A futura alimentação) C. DE BRITO.
Recordações—JOÃO PENHA.
Expansão colonial—C. DE SOUZA E FARO.
Pensamentos.
Lágrimas—E. A. VIDAL.
As nossas gravuras.
O espectro de José Durand—V. COUSIN.
A corda do beneficio—GERVASIO LOBATO.
Emenda—ARAÚJO PEREIRA.
Política internacional—CONSOLIERI PEDROSO.
Gresculoso—Desenho de VILLAGA.

21 Illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «Brasil-Portugal».
Bom conselho.
O nosso almanach.
A vertigem—MAURICIO MONTÉGUT.
A não vem—E. L. DE MENDONÇA.
A greve das flores—JOSÉ MONTEF.

ANUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto.—Porto
Villar d'Allen—Vinhos—Rio de Janeiro.
Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.
Estamparia do Bulhão—Porto.
Banco do Minho—Braga.
O Tiradentes—Porto.
Escola Academica—Lisboa.
Almeida & Serra Pinto—Porto.
La Union y El Fenix Español—Lisboa.
Almanach illustrado Brasil Portugal, para 1903.—Lisboa.
Atelier d'Alfaiate A. Couto—Lisboa.
Agencia Financiam de Portugal—Rio de Janeiro
Gulherme Silva—Lisboa.
João Ferreira—Porto.
Phosfodoglicina—Porto.

Armação de fazendas—Lisboa
Veados.
Vinhos Velhos Legitimos do Porto.—Porto.
Chapelaria da Moura—Lisboa.
Companhia Geral do Credito Predial—Lisboa.
Aguas de Carabaña—Lisboa.
Cesar A. Paiva, dentista—Lisboa.
Gabinete Hydrotherapico—Lisboa.
H. Parry & Son.—Lisboa.
Livros uteis e instructivos—Lisboa.

NA CAPA

Garantia da amazonia—Paris.
Brasil-Portugal.
Notre Dame de Paris.—Rio de Janeiro.

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central dos Estados do Bril, Coronel Theodorico Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alfandega, 4, sobrado.
PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.—Rua Primeiro de Março, nº 74.
PARA—J. B. dos Santos—(Livreria Classica)—Rua João Alfredo, 50.
MANGUÁ—Jyrome & Camarã—Livreria Classica—Rua Guilherme Moreira.
MARANHÃO—Leonido J. de Medeiros & C.º
CIARÁ—A. Ferreira Braga—Praça José Alencar 20
BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 28
PELOTOAS—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana).
PORTO AL-EGRE—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana).
RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carvalho
MOÇAMBIQUE—José Joaquim de Assumpção.
QUELLIMANE—Henrique Jorge de S. Neves.
BENGUELLA—Mathews & Tavares
LOURENÇO MARGUB—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorenza.
S. THOME—L. A. H. Alves Mendes

Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa Luso
Francosa—José Affonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO—Joaquim Caldas e Brito, José Pinto Bessa, 140.
EVOPA—Agente geral em Evora e no Alil Luis Freire Correia, Rua de Mouraria, 27.
BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA—Gomes Amarelal & Com.º.
COIMBRA—Joko Ribeiro Arrobas, Arco do lvo, 13.
CAST. LLO BANGO—Pedro Augusto Pessôas.
BRANITIA—Antonio Augusto Salgueiro.
EVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.
S. COBAHA—José Narciso da Costa.
PORTALEGRE—Domingos da Goeira Conde LEIBIA—Mandel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira
VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.
CORUHE—José Pereira Cabral.
TAVIRA—José Maria dos Santos
FARO—Maya & Trigoço.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o Brasil-Portugal os sr.s:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.
Alberto da Silva Costa (run do Barão da Jaguará, n.º 1), em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
Rio Solimões—J. C. Mesquita (casa Andrezen)—MANAOS.

Bom conselho

—Como tu estás abatido, rapaz!
—Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!
—Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, comboas cores. E eras tão fransino!
—Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o Chocolate Brasil, que se fabrica no Moimho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Provem os preciosos Vinhos
de Adriano Ramos Pinto

O NOSSO ALMANACH

Está já á venda em Portugal e no Brasil o *Almanach Illustrado do Brasil Portugal*, para 1903, com uma capa a côres, desenho do grande pintor Ramalho. Impresso em papel forte, abre com um *juízo do anno*, de Alfredo de Mesquita, illustrado pelo lapis humorístico de Celso Herminio, e ao longo das suas 128 paginas, não contando com as da secção dos annuncios que é variadissima, pela serie enorme de estabelecimentos brasileiros e portuguezes que n'ella figuram, encontram-se umas 200 *photogravuras* nitidamente feitas nas officinas de Pires Marinho & C.^a

Acompanhando o calendario de 1903, dá em cada mez uma serie de receitas agricolas para pomar, horta e jardim. Publica uma centena de adivinhações, logogriphos, enigmas illustrados, charadas, bilhetes postaes, afferendo á primeira pessoa que enviar a decifração de todos elles, um volume encadernado do 4.^o anno do *Brasil-Portugal*; insere vistas lindas do Brasil e de Portugal, de costumes, retratos de atrizes portuguezas, contos mudos, pequenas vinhetas, caricaturas, e uma esplendida pagina

firmada pelo grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, representando os primeiros interpretes do drama de Pinheiro Chagas *A Morgadinha de Valflôr*, interpretes na maioria hoje já fallecidos mas que foram dos mais brilhantes mestres na nossa arte dramatica.

A collaboração variadissima escolhida tanto na parte litteraria como na artistica, insere artigos e versos de Urbano de Castro, D. João da Camara, João Penha, Camillo, Guerra Junqueiro, Moura Cabral, Gomes de Amorim, Pinto de Carvalho (Tinop), Souza Bastos, Alberto Bramão, Sergio de Castro, Fernando Leal, Gervasio Lobato, Conde de Arnoso, Camões, Ramalhõ Ortigão, Guilherme Gama, Garrett, Barão de Roussado, João de Deus, Quental, Bulhão Pato, Joaquim de Araujo, Alberto Braga, Pinheiro Chagas, Conde de Monsaraz, além de grande numero de poetas e escriptores estrangeiros. O *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, para 1903 constitue uma leitura ligeira, agradável e util. Dá tambem o calendario para 1904 que é anno bissexto.

O' papá para que cheira as ostras sempre antes de as comer?
—Para ver se são boas.
—Ora, em as comendo, l'go sabe.

A VERTIGEM

Indeciso e molle levantou-se o vento sobre o deserto oppresso; o ar de subito refrescou: a noite cahia rapida. Como uma barreira no horizonte a cordilheira ascendente tingia-se gradualmente de lilaz e cinzento desmaiados; para a esquerda como para a direita a superficie achatada das areias rosca e-tirava-se indefinida, irregularmente cortada por barrancos mais ou menos escuros, segundo a sua profundidade, e onde raras palmeiras se destacavam, amarellas, poeirentas, crestadas...

Souu um clarim no meio das tendas; os cavallos presos ás estacas levantaram a cabeça, e os caçadores de blusa, com calções muito largos, vieram lentamente alinhar-se para a chamada da noite. Melancolico, o som do clarim, alto e estridente prolongava-se indefinidamente. levado pelas ondas sonoras até ás faldas das montanhas tranquillas onde o ruido se ia extinguir.

O esquadro estava formado á direita, o capitão Cabarousse, commandante, e os seus dois tenentes Peyralte e Vaudras, tomados d'um grande torpor, olhavam descuidadosamente para a manobra, sem nada dizerem, com os braços cahidos; e em volta, ao longe, no ar, em toda a parte havia um silencio tão grande que parecia sagrado, religioso, cheio de mysterios angustos.

A chamada começou. Sublinhando os nomes pronunciados, as repostas rolavam breves, monotonas, ao longo das filas, como todos os dias, á mesma hora, na indifferença apathica das fanchinas regulamentares e inuteis. O sargento não parava para saltar d'um nome para outro...

—Presente!... presentel!... sentel!...
—Hanron?
Ninguém respondeu. Surprehendido o official inferior levantou os olhos do livrete e repetiu: «Hanron?»
Nada. — Eh! vocês, lá! Estão surdos?... Ninguém. Faltava um soldado. Os seus vizinhos habituaes na fileira abriam os braços, gesticulavam... não sabiam, não comprehendiam.
Cabarousse aproximou-se, com o andar secco.

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal
AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.^a
 Rua 1.^o de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 3 minutos da Estação do CORCOVO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



— Olá! quem foi o ultimo que o viu? Aonde quando? —
 — De manhã — na limpeza — depois ninguém.
 — Acabe a chamada I. — Destroçar!

II

Faltava pois um soldado. Em pleno deserto, a vinte leguas do ultimo posto avançado; todo o ausente se devia annotar como morto; e n'um esquadro, só, isolado, perdido, unicamente apoiado por si mesmo, esta chamada — sem resposta produzia callarões. No deserto, forçosa-mente sentem-se os contornos, as individualidades unem-se; não ha um desconhecido, só todas camaradas; ora desapareceram um camarada. Nos grupos com divisas ou sem ellas, commentava-se esta desappareição, apaixonadamente, com este terror instinctivo, do «se fosse eu?» Porque o egoismo humano nunca abdica; e toda a solidariedade se baseia nos modos por si propria.

A região contudo não era abertamente perigosa, deliberadamente hostil; os bandos guerreiros dos arabes nomades tinham sido repellidos para as montanhas; só uma aldeia kabila tinha a pequena distancia accessas as suas fogueiras, mas os kabilas são sedentarios, de costumes somnolentos, e os não vem forçar ás suas proprias cabanas, debaixo dos seus tectos de lama e pedra, contempm desintressadamente as tropas estrangeiras desfilarão n'uns longes de poeira duraada.

E contudo Cabarouse, suspeito, coñando a bigode, olhava obstinadamente para o lado da aldeia. O enigma estava allí...

III

Ficaram de guarda ás tendas, trinta homens. Os outros galopam ao luar; e por esta noite clara, cavalleiros e cavallos projectam grandes flebranças fluctuantes, e as cotoadas pela rapidez da carreira, mas sem as dimensões, porque a linha recta é strictamente seguida. Um desejo de batalha, uma alegria de vingança impellem o esquadro: além d'isso toda a rixa, que venha romper a monotonia dos dias vastos, é bemvida... A'vante!

No caminho levantam-se e fogem surtiraesmentes, chas e hachos, cujos typos agudos insultam de longe, depois de ter passado, o inimigo natural, o homem. De vez em quando, um sabre bate n'um estribo e tine, um cavallo que se espanta é duramente amansado; depois, compacta e silenciosa, a tropa continua a desfilar, com o seu andamento, espectral, n'um scenario que vai recuando. Pouco a pouco uma vegetação sarmentada desdobra-se debaixo das patas dos cavallos que tropeçam; depois perdas felgadas de altas palmeiras rasgam o horizonte; mais longe ainda, confusamente, a aldeia sa da terra, com as suas cabanas de lama, em forma de marcos, baixas, com janellas estreitas; com portas insulficientes para a estatura humana; e em volta arribanhas para o gado, dertas a esta hora.

A' voz de commando, o esquadro para. Não brilha uma unica luz, tudo está triste, nada se move; sómente, alguns cães vadios, errando pelos estrumes, latem, ferojando o estranho. Foi a passo, que se cercou a aldeia, sempre muda, sempre deserta. Desmontar! Entra-se na primeira cabana; e esta vana; e como a segunda, como a terceira: todas estão desertas; levando armas e utensilios o habitante fugiu. E a confissão.

Agora, inutil procurar mais. No limiar d'uma porta, com a cara n'uma cloaca, jaz um corpo, com a garganta aberta, o rosto vermelho... Hanrloni! — Então ergue-se um clamor de raiva pela primeira nocturna, depois em angustia-se e a multidão chorra n'uma nota longa de tristeza, de piedade chorra... Ao longe, os terrenos ondulados estendem-se o perder de vista, monotonos e mudos; e a cadeia imperturbavel das collinas, negras agora, parecem cortar insolentemente o caminho ás respallias.

De pé sobre os estribos, sombrio na noite clara, Cabarouse estende o punho para o invisivel.

Tenente Vaudras, grita por fim, tome cincoenta homens e cace-me essa bicharia, até que nem um fique sequer: eu tenho que guardar o meu posto; infelizmente.

IV

Desdobradas as fitas, o tenente Philippe Vaudras compromittou e partiu com cincoenta cavalleiros para o desconhecido, enquanto Cabar-

rouse e os seus homens voltavam a passo, como a chsto, para as tendas do acampamento, com a cabeça baixa, e coração amargo, levando atravessado em duas selas o cadaver sanguiolento do assassinado Hourion.

Bastante alto, d'um louro fulvo, debil, com os olhos claros, vindo da Escola, tendo escripto a Africa por necessidade de aventuras, Philippe de Vaudras, n'um anno de campanha fizera notar a sua bravura n'um esquadro doído, em que todos eram bravos.

Por causa da sua mocidade, da sua gracilidade flexivel, e das suas miolias brancas, os seus soldados chamavam-lhe a Vanassa, ou a menina. Vaudras ou então a tenente, mas quando se carregava na planicie essa pequena carregava a valer. O seu cavallo tinha magnificas pernas, sendo sempre o primeiro a chegar ao sitio em que se distribuia cutuladas: e que pulso que tinha a tal tenente! Os soldados seguiam Vaudras, não podendo resistir-lhe a admiração, mas seguiam-no com enthusiasmo, enbeirados pela sua locura, e sobretudo porque não queriam que lhe acontecesse mal. Parcia o chefe necessariamente designado para essa expedição romanesca, n'esse scenario violentamente soberbo; atraz d'elle a sua tropa seguia-lhe o impeto.

Logo que a Vanassa se viu no flanco das seções os vedetes inclinavam-se sobre o pescoço dos cavallos com os olhos no chão, guiando-se pelo rasto visivel, debaixo da luz branqueada das estrelas serenas. N'uma largura de quarenta metros a areia estava sulcada por pegadas profundas, passos de homens ou de animaes, cujos saltos, cujo tropear tumultuoso, uma desordem de passos, e a hesitação do cadaver furto dos conductores kabilas, horrorizados por esse cadaver que deixavam atraz de si, se reconheciam facilmente.

Os cavallos assopraram, correram muito tempo: Alto! ordenou Vaudras. Os caçadores acamparam como se podiam; e com a redea no braço dermiram apertar dos pulchões do animal, com um peso commo, sem sonhar. Depois tornou-se a partir. Emfim no horizonte desenhou-se uma linha branca. Era o romper d'alva; depois subitamente uma luz crua rasgou as brumas, descobriu os longes... Então na falda das collinas, n'uma longa fila parada de homens, de mulheres, de crianças, de cães, de cães, de cães, trepados ás costas, appareceu-lhe a tribu que procuravam; e no ar tranquillo, mugidos, baldos, gritos sonoros chegavam aos seus ouvidos.

A primeira voz os cincoenta cavalleiros partiram a galope; e mas se viam eram vistos tambem; agora os kabilas confusamente abandonando já o grosso da bagagem, corriam confusamente pelas encostas. Mercurio se por uns cabos de rochedos gigantescos, e pouco a pouco como formigas que se encovam perderam-se do primeiro ao ultimo nos buracos da montanha. Só visiveis nas alturas alguns bois perdidos, inquietos, voltados para a planicie, para o sol o nascente, chamavam-se com a sua voz grave, com o pescoço estendido, com o focinho alongado.

V

D'ahi a umas horas, tinham Vaudras e os seus homem transposto por sua vez, por caminhos de cabras e obstaculos, e bruscamente, ao dessemocar d'um desfiliadero, cahiam a com medos, e os seus cavallos tinham feito freio e esperavam. O scenario explicava esta audacia. Entre a tribu fugitiva e os caçadores vermelhos e azues a unica passagem aberta era uma estreita cornija unindo dois planos altos, subia pelo flanco da montanha, varanda sombria sem parapeto deitando para uma profunda quebrada. Só dois homens a cavallo por alto, primeiro de um lado, depois de outro, tinham feito freio que occupavam a posição alta. Ao primeiro desvio, ao primeiro passo em falso, rolavam no vazio, indefinidamente. Vaudras viu este conjunto, avallou-lhe o horror, fez-se livido e fechou os olhos. Os cavalleiros pararam surprehendidos, e os cavallos estaforados relinchavam, escabrevavam, com o pescoço estendido para o precipicio. Evidentemente os kabilas conheciam este reduto natural, as mulheres e as creanças escondidas nos rochedos por de traz, os homens espalhados ou detidos nos blocos de granito, ao abrigo das balas. occupavam a montanha e podiam á vontade visar os soldados descobertos... e além d'isso, havia sobretudo a quebrada e o derrocamento... Os nossos soldados estavam d'um cabeça, olhavam para o buraco e faziam caretas...

Se fossemos passarinhos cantarolava um.

De subito o clarim, um garoto de vinte e anno o maximo, lançou o seu cavallo por bravata e tocou a ordem de carga. O impulso estava dado; os cavallos partiram por si mesmo, e o pelotão precipitou-se, debaixo d'uma furiaria bastante furiosa, pela cornija amansada. Um unico homem, detendo o cavallo com as duas mãos, um mem, homem, inteirado, petrificado, ficava para traz.

Era Vaudras.

Um, dois, tres, quatro, cinco, dez, vinte, todos os soldados passavam, abanando as orelhas debruçados da chuva de balas, rasteo e excedendo com a cabeça a tentado conservar-se imóvel, com os olhos fixos no abismo, e com o suor a correr das fontes.

Vaudras estava com a vertigem.

VI

Ser atacado pela vertigem é enlouquecer. O horror estrangulou-nos e paralyza-nos; o vacuo fascina; e o mais valente homem devotado por temperamento a esse poder mysterioso de nada, a essa magnetica atracção do abismo perde toda a consciencia de si proprio, toda a vontade, torna-se livido, tremulo, hesitante, e morre, e a chamada a tribu da morte inviolavel que o atrahia atravez do espigo. Vaudras tinha medo. Ah! a batalha! a polvora que canta, a bala que assobia, o ferro que fura, o sangue que corre, os choques sonoros, os desafios soberbos, a morte ruidosa, tudo que se quizer! Mas esta bocca silenciosa, immensa, que nos aspira... não... não... é impossível... não!

Tinham passado trinta homens, passado adiante de Vaudras. Imaginavam que o seu officio, por razões, sem duvida alguma, muito boas, vi-giava-lhes o desfilar tragico e seguia depois para retomar a frente.

Ninguém reparou na sua physionomia, ninguém notou a sua angustia. A estatura tem medo?... Ora adeus!... Pois era isso mesmo a menina Vaudras está com o nervoso; é realmente passageiro... Co'a brécal... o quê?... sim a tenente chora.

Tinham passado quarenta homens; as balas assobiam, duras, escalavrando o granito em recochotes tempestivos. Os kabilas atiravam em esquadra, com pontaria alta, sentindo-se perdidos se a carga chegasse sobre elles. Vaudras expunha-se inutilmente ás balas.

Os cincoenta homens tinham passado. Ficou só elle, desceu do cavallo, querendo tentar o caminho a pé; o animal livre precipitou-se em seguimento dos outros cavallos. A meio da cornija, a ferradura escorregou-lhe no granito; poz as patas em falso e rolou no abismo.

Vaudras bramia, com os olhos sahidos das orbitas.

Arrastou-se de joelhos, rasteou sobre o ventre, sempre o instincto o impellia para traz. Não passaria nunca.

Neste momento viu os seus soldados rodeados completamente pelos kabilas, tres vezes superiores em numero, exasperad-pelo perigo. As mulheres e as creanças tinham sahido dos seus buracos; e todos arremessavam pedras, aranhavam, mordiam, penduravam sa's pernas, ás redeas, enterrando navallas no ventre dos cavallos. No arremesso, a primeira creança, no vacuo, nos braços furiosos da multidão, os caçadores suffocados, esmagados, sentiam enlanguescerem-se-lhes os musculos. Por terra cahiam corpos sangrentos. E o official não estava allí para lhes commandar a victoria.

Decididamente, a cousa corria mal; os grandes sobres torcidos, dobrados, mas verthosos de sangue, sahiam, com difficuldade das massas muradas, os braços derreados enfraqueciam. Os kabilas atiravam á queima roupa. Ensurdecida pelo ladrar dos cães ensinados para o combate, pelos guinchos das creanças, pelos bramidos das mulheres, pelos rugidos dos homens, picada, mordida, ferida, queimada por todos os lados, a primeira tropa desapparecia pouco a pouco debaixo da matilha enraivecida que a assaltava sem cessar. Embuscada, cilada, importada, era derrotada e a morte.

Vaudras precipitou-se correndo, dobrado ao meio, com a escuma nos labios, recuou ainda uma vez, a ultima.

De longe, contempuou, com uma ternura suprema os seus homens, que se moviam em direção que morriam matando—tírou uma pistola do cinto, e fez saltar os miolos.

Já não vem!

(CONTO ALGARVIO)

I

—Dá-me um beijo, bello pastorinho! Um beijo só! Se souberes como um beijo me é doce e querido! Em troca, hastas riquezas te ofertarei. E afincava os negros olhos nos do pequeno, a linda moira. Esperava descobrir n'elles uma acentella de coragem?

Mas o bello pastorinho, que á noite, junto da lareira, ouvía a avó contar extraordinarias historias de duendes, bruxas, moiras encantadas, lobis-homens, e de toda a cateria sobre-natural, tinha seu recio de tudo isto.

E, por mais que não quizesse pensar em coisas terribes, a imaginação povoava-lhe os sonhos de seres horripilantes, scenas medonhas. Demônios de corpos negros e cabeludados, de olhos scintillantes e de garfaldas geladas e funebres, como toques de sino em dias de finados, dançavam á cabeceira do seu pequenino leito de madeira comocida pelo tempo; anões de azas sibillantes e estranhamente recortadas, esvoaçavam, giravam, comprimiam-se, encontravam-se, como vagas amontoadas, dardando sobre o bello pastorinho o halar fúnebre e sombrio. E d'então em com isto, medonho uirar de gatos, estalar de castanholas, sapateados, cacarejar de gallinhas, ranger os dentes, gritos, risadas, toques de pandeiros.

Taes eram os sonhos de todas as noites do bello pastorinho. Razão, pois, não tinha para temer tudo quanto a sobre-natural pertencesse! Mas era tão tímido e tão tímido, que um beijo, um só lhe pedía! Era tão lindo, com o seu vestido branco de neve, os seus cabellos negros, scintillando ao rai do meio dia, os seus olhos brilhantes, ternos e ardentes, a sua voz meiga e suave, como elle nunca em sua vida ouvira nenhuma?

Quem recusaria dar um beijo, dois, cinco, cem, em tão bonito rosto, que a beijos convidava!

E assentada n'uma pedra, á beira d'um regato, a moirinha sulcava a pura agua com os pés brancos e delicados.

Olhou-a o pastorinho. E, coisa para admirar, e que o admirou com effeito, quasi nenhum modo sentiu! Ah! que se todas as noites sonhasse com tão lindos encantos, certamente que os historios da avó m's impressões não lhe dariam!

E é que estava verdadeiramente comovido, o rapazito! Por mais que quizesse n'aquelle momento ter medo, não o tinha. Por mais que chamasse as horribes visões da noite, todas se desvaneciam, rapidas, ante o meigo sorriso da moira. Tal como um terrado nevoeiro que benéfico rai de sol expulsa.

E o pastorinho ali se conservava, de braços pendentes, a quatro passos da pedra, trocando o seu olhar de quoztoze annos, por onde passava para elle desconhecida sombra, com o candido olhar de moirinha.

E em emtanto as tres ovelhas, lá no alto do monticullo, pastavam com um continuo ruído de chocachos.

II

—Dá-me um beijo, um beijo só bello pastorinho!

E tanta meiguice, tanta atencião, tanta melodia da sua voz havia, que o pequeno, sem saber como, achou-se a tres passos de distancia, só.

Um lampejo de trevas alegria illuminou o rosto da moira. Cessou de vincar a agua. Toda elle se entregou, se concentrou n'uma esperança que a principio, longuica, velada, tenue, e pouco e pouco se approximava, não distincta, mas pensada, não mimosa. Se era tanto o seu pezar! Havia tanto tempo, ali estava, sózinha, vendo fugir a todos quantos chamava, cantando lindas canções, sem que ninguém quizesse escutal-as! Havia tanto tempo que brincava com a agua, penteava os negros cabellos, e ouvía os alegres cantares dos camponeses, á hora do meio dia! E quantas vezes elle acenou, para que um se approximasse, e quantas vezes a esperança lhe fugia, lançando-lhe um olhar apantado, uma exclamação de medo, e deixando os tamancos na corrida, para mais ligeiro se afastar!

E era doloroso vê-la agora, estendendo os labios, supplicando um beijo, que era a quebra do seu encanto!

Um beijo, um beijo, só!

III

—E se eu fôr ahí, vocemecê não me fará mal! —tartamudeou o rapaz, em cujo cerebro se travava a lucta d'um desejo estranho, vago, indefinivel, contra um pequeno resto de recio. —Se eu lhe d'ôr o beijo, ficarei com saibo na bocca! Minha avó muitas vezes me tem contado coisas de encanto. Quem se mette com elles, nunca fica são como d'antes...

Era mais por descargo de consciencia que elle assim fallou.

A moirinha teve um sorriso de angelical ternura.

—Julga que sou tua irmã... E se tua irmã te pedisse um beijo, no que estivesse a sua felicidade, a sua vida, não lh'o darias? Oh, pastorinho, bello pastorinho, não me deixes aqui pensar! Longe, bem longe, minha patria é... Longe, muito longe, meu noivo me espera... Todas as noites, nas azas do vento, chegam-me os seus queixumes... Pastorinho, pastorinho, dá-me a vida n'um beijo teu!

Era um gemido a voz da moira; eram uma supplica irresistivel, poderosa, atrahente, os seus olhos, velados, tristes... E mais um passo ouzou dar, o pastorinho. Que lhe importava o saibo da bocca? Por um beijo, é que elle anseava, por um beijo, por muitos beijos, por uma loucura de beijos! Que lhe importava o não ficar são, como d'antes? E que lhe ouvia, interiormente, do pescoco da moirinha procurando, soffredo, furioso, uma bocca que não lhe fugiu. Ella então, por um movimento brusco, lançou para traz os dispersos cabellos, que lhe chegavam á cintura, solta um grito de alegria e de triumpho, levantou-se, e, a elle agarrado, quasi hyena defendendo o filho em perigo, corre, corre até ao monticullo próximo; e enquanto o pastorinho, anciosamente, amorosamente, n'um louco desejo, afincava os labios tremulos em não menos tremulos labios.

IV

Suspirava a brisa melerosa, ulcandoo ao de leve as magoas do regato; nenhum ruído parturhava a magoosa tranquillidade do silencio, estendendo o pouco e pouco pelos campos. Só no alto do monticullo, o bello pastorinho ouvía cantar no seu coraço mysteriosas vozes que até ali cantava não ouvira, e que lhe fallavam a sua nova linguagem: é que a sua alma acordára ao amor.

Ao longe desenhava-se, límpida e luminosa, n'ostas da noite, a mystica estrella da noite, banhando-se em uma onda transparente e dourada. A estrella da noite... A primeira que scintilla no céu!

E o bello pastorinho fiava-a tenazmente, como anseando por ver surgir do seio d'ella uma para sempre perdida esperança.

Por fim, um soluço subiu-lhe do peito:

—Já não vem!

Lisboa, 1890. E. L. DE MENDONÇA.

A GREVE DAS FLORES

(NA ALSACIA)

O soldado levantou-se, cheio de somno, estendendo os seus compridos braços com uns rastos da preguica, como se deixasse a custo a cama de herva fresca onde dormira á beira d'um trigal, protegido pela sombra que projectavam as altas espigas de ouro inundadas de sol.

De subito, da cidade proxima chegou o som d'um sino, n'uma palpitacão sonora que se espalhou lentamente pela planicie.

O soldado escutou com apparencias de inquietacão.

Ouviram-se outras tres badaladas.

Então, precipitadamente, apanhou o capacete do chio, apertou o cinturão do sabre e saltou por cima do fozso que o separava da estrada; depois afastou-se rapidamente a largos passos.

Ora, entre a herva, o bico do capacete esma-

cou uma papoula; a bainha da espada, descrevendo um semi-circulo, cortara uma margarida, e a bota do soldado, tomando o impulso, amachucara um esporão azul.

II

Foi a papoula a que primeiro se levantou, rubra de colera.

—Bruto! selvagem! disse em tom indignado. Não sabe dar um passo sem fazer ansear! Agora só com uns tres dias de descação é que me curo do mal que me fez! Que idéa aquella de usar semelhante calçado! Se no menos fosse um francez! E... o mal que me fez, como o desgosto que sinto!

O esporão azul tinha-se levantado um pouco, e a margarida fizera um ligeiro movimento. A papoula viu que a escutavam. Continuou:

—Sim, o desgosto! Ha feridas que se supportam. Ha até mais tratos de que se gosta! Não ouvi eu dizer a pessoas que passavam aqui ao pé na estrada, que certas mulheres gostam de ser espancadas pelos amantes? Talvez tu não saibas isto, tu, Margarida, que dos amores só conheces os suaves preludios... Pois parece que assim é... E olha, hoje quasi o comprehendi!

Alé é o nosso destino, este de sermos, pobres flores, esmagadas e espinhadas! Os homens, sem o quizerem, são cruéis para nós! Mais dignos de dó que de censura, os desgraçados! Escapalhes a humilde e rágil poesia das coisas! Esmaga a sua vida como a nós nos calcam, inconscientemente. Apenas, nós renascemos sempre, e as calçadas flores da sua vida nunca mais vicjam!

Mas, é isto; porque renascemos nós sempre? Opprimem-nos a injusticia. Deviamos ser livre nos nossos actos, e só quando quizessemos, ostentar ao sol as nossas cores!

Vejam, cobre o lucto a terra e o que estamos, não é assim? Pois bem! porque a embellezamos nós? Porque é que, florindo no verão, lhe vimos dar este ar de festa, mascara mentirosa? Para que esta descendencia que vale uma tração? Então, esqueçemos o passado, renegamos-o, amnistiamos os crimes do destino, cego e preverso Deus adorado pelos barbaros? Dizemos: «Ei bom viver!» e comtante que do céu nos venha alternadamente o calor e a chuva, não nos importamos de saber em que terra merguhamos as nossas raizes... Somos as impassive escurvas de todos os senhores, e a nossa inferioritacão a muda cumplice de todas as tyrannies!

Pois digo-eu, é indigno este papel!... Sei bem de que sangue é feita a altiva cor vermelha que ostento acima d'estas planicies outr'ora revolvidas pelo arado revoltante da guerra!... Revoltas-se em mim hoje esse sangue, e declaro injusta e absurda a lei que nos constrange a flurir n'este pedaço de terra armada ao solo da antiga patria, e afirmo que me enjojo do meu mister de flor!

Admiro-me sómente de que a velha Deusa Natureza, de que provimos todas, não o tenha entendido ha mais tempo, e hei de mandar-lhe as minhas queixas pelo primeiro rouxinol que vier posar no arvoredro proximo!...

III

A margarida, mais branca do que nunca, fez um esforço, e aproveitou-se da brisa para se voltar para a papoula:

—Tens razão, disse ella com voz fraca, e juntarei á tua a minha queixa; não era preciso que aquelle selvagem me deixasse por terra para que eu achasse insupportavel o nosso destino e protestasse contra o seu cruel rigor!

Sou, bem sei, de genio meigo, e a minha doçura é semelhante á das virgens cujas frontes costumam coroar. Mas tudo tem um termo. Também eu me revolto, e acho que passou o tempo da resignação. A minha immaculada brancura é a alegria dos prados e dos campos. Nos mais bellos dias de verão, accumulava-se a tristeza na transparencia do ar, e não bem sintimos, nós, filhas da terra, pesar sobre as nossas debéis hastas, o voar de melancholia que talvez não vejamos olhos dos homens. Tanto que nem as gotas de orvalho me fatigam, mas parece me sorver n'ellas toda a amargura das lagrimas!

Porque eu conheço o sabor das lagrimas, ou que tanto bellos olhos molharam, no custo de safo das confidencias. O amor... Quantas vezes vi fixarem-se em mim os claros olhos azues das virgens irrequietas, a interrogarem-me com um olhar supplicante, enquanto dos seus dedos

tremulos cahiam uma a uma as minhas brancas petalas!... «Muito, pouco ou nada!... Ai! já passou o tempo em que eu ouvia estas palavras cheias de casta e deliciosa angustia!... as virgens enludadas já não consultam os meus mudos oráculos, ou, se alguma vez juvenil mão me desfolhar já não são as doces vozes d'out'ora as que ouço... Que dura e sonsa linguagem!...»

Só de a escutar, percebo que me fala uma estrangeira porque as verdadeiras filhas d'esta terra fecharam o seu coração ao amor!

Por isso sou desgraçada, e por isso antes quero nuca florescer!

IV

G esporio azul ergueu-se completamente e disse:

—E tambem já acho de mais! O azul é a festa dos olhos e da alma. Não sei portanto para que está o azul n'esta terra, d'onde fugiu toda a alegria. Já é bastante o do céu!

O céu tem desculpa. É preciso para deixar passar a luz, a quente luz do sol que vem fucundar a terra e amadurecer as colheitas. Porque assim o quer o destino, a tristeza não é a morte, e, seja como fôr, háo de viver os infelizes. Brilhe pois o sol e resplandeça o azul; é justo, mas é bastante!

Eu sou aqui demais. A persistencia de meu viço parece afirmar que n'esta terra pôde tambem haver alegria, e eu bem sei que isso é falso. E' uma ironia a minha côr, a peor de todas as irionias, porque é um insulto á desgraça!

Já me pesa esta cobardia, e por minha vez exijo o direito de nunca mais florescer!

V

Calaram-se as tres flôres, esperando a chegada do mensageiro que levará o seu pedido n'um vôo. — quando, de subito, se inclinaram, parecendo ouvir um ruido subtil que a brisa lhes trazia.

Agitara-se effectivamente o ar do lado do Occidente.

A brisa chegava, fazendo curvar ligeiramente as douradas cabeças das espigas, e as tres flôres ficaram immoveis, porque acabavam de ouvir distinctamente o murmúrio d'uma voz, atavez o fremto do trigo.

E esta voz dizia:

—Flôres das campinas, como são loucas. Desvaira-as o pezar, e nada é mais impio do que a ingenua commiseração das sua saudades!... Pelo contrario, floresçam as tres, — tu papoula, a flôr do sangue, tu margarida, a flôr da neve, e

tu esporio, a flôr do azul!... Floresçam, persistam em florir, em ramo tricolor, para lembrarem ao menos aos exilados as adoradas côres da patria ausente!

JOSÉ MONTEY.

Um alfaiate, em companhia de um amigo, encontra um sujeito que ambos conhecem, e que finge não os ver.

—Não viste fulano? pergunta o amigo ao alfaiate.

—Vi.

—Então elle não te fallou?

—Não?

—Porquê? Fizeste-lhe alguma cousa?

—Fiz... um fato novo...

Entre mestre e discipulo.

—Cada vez lê peor. Parece impossivel! Eu, quando tinha a sua idade, já lia correctamente, sem precisar de solettar.

E' que naturalmente o sr. teve melhor mestre do que eu.

Um estudante de latim para o professor.

—A proposito de linguas mortas; quem é que ás matou?

Estamparia do Bolhão

Casa fundada em 1850

Rua Fernandes Thomaz, 228

Grandes Armazens

fazendas de seda

lãs e algodão

NACIONAIS

e

ESTRANGEIRAS

Tapetes, alfombras, jutos

OLEADOS

PERFUMARIAS

MILDEZAS

e.c.

BANCO DO MINHO

SÉDE EM BRAGA

Fundado no anno de 1864

Endereço telegraphic-MINHO

CAIXA FILIAL NO PORTO

Agencia em Lisboa — BANCO LISBOA & AÇORES

Effectua todas as operações bancarias

Correspondentes em todas as cidades, villas e logares importantes de Portugal, Hespanha, Italia,

Londres, Paris, Hamburgo, Montevidéu e Buenos-Ayres

AGENTES NO BRASIL

Rio de Janeiro — Sampaio Oliveira & C.^a, R. do General Camara, 13

S. Paulo — Garcia Nogueira & C.^a

Santos — Ferreira de Souza & C.^a

Bahia — Banco Commercial da Bahia

Pernambuco — Luiz Duprat

Rio Grande do Sul — Campos Moraes & C.^a

Pará — Banco do Pará.

SUB-AGENCIAS, EM LOCALIDADES

DE SECUNDARIA IMPORTANCIA

O TIRADENTES

Romance Historico Brasileira em 2 volumes de 550 paginas cada um

POR

JOSÉ AGOSTINHO

E' posto á venda, por estes dias, nas principaes livrarias do Brasil o 1.º volume d'este grandioso romance historico, em que se descreve em traços frisantes, a conjuração mineira, destacando-se o immortal patriota Tiradentes. Romance baseado n'um plano tão amplo que, a proposito do grande movimento de Minas põe em foco a gestação da Revolução Franceza, approximando-se da grande figura de Voltaire os estudantes do Brazil que em França aqueceram ainda mais o seu ideal sagrado; e é fecundo em lances, em desenhos de nobres figuras como o Marquez de Pombal, Jefferson e outros e faz um descriptivo intenso da grande natureza americana. A acção historica é sempre amenizada, por uma forma viva, reservando para o fim de cada volume, as notas da respectiva documentação muito solida e proficiente.

ESCOLA ACADEMICA

Instituída em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina
pela Universidade de Coimbra;
Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa
Medico dos Hospitales Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosophia, com o curso
de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra
Curso Theologico no Seminario de Vizeu
e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Distribuição do tempo dos alumnos internos

Levantam-se ás 5 1/4, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'ar-persão, frio ou morno, conforme lhe está precitado.

As **salas de banho**, installadas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, teem cada uma 17 banhos d'aspersão, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo. Terminada a lavagem, regr- assam nos dormitórios, onde completam a sua *toilette*.

As 6 1/2, dirigem-se as diferentes secções da Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 1/2 ás 7 1/2 horas da manhã.

As 7 1/2 é servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, teem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º periodo de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança dos professores e o descanso dos alumnos.

Do meio dia ás 2 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo teem lugar o *lunch* e as aulas de recreio: — gymnastica, dança, jogos de florete e de pau, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados a frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Lawn-tennis, Malha e Croquet).

Lisboa e secretaria da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901.

Das 2 ás 4 horas, 2.º periodo de aulas, havendo ás 3 horas o intervalo necessario para as mudanças dos professores e descanso dos alumnos.

As 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobremeza, conforme a *tabella das refeições que corre impressa*.

Das 5 ás 7, recreio geral nos terraços, jogos ou salas de recreação, estando alli os alumnos divididos em 5 secções, conforme as suas idades.

As 7 horas, estudo geral nas suas respectivas aulas, que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrução primaria, cujo trabalho termina ás 8 1/2 da noite.

As quartas e sabbados, das 8 1/2 ás 9, uma das 5 secções s, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capellão da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação de doutrina christã.

As 9 horas, ceia, que consta de leite e pão. Em seguida dirigem-se as diferentes secções da Capella, rezam a oração da noite e recolhem nos dormitórios.

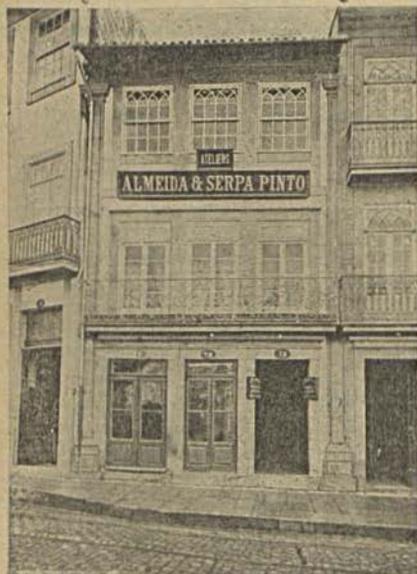
Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 1/2. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capellão.

As 11 horas ouvem uma pequena prelecção sobre assumptos de hygiene, feita pelo Director.

* Durante este periodo teem lugar as aulas da *fratello* e da *tuna*, dirigidos pelos respectivos professores, e as aulas especiaes de musica.

O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS.

Modas e confecções



Ultimas Novidades de Paris,
Londres e Berlim

ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.^s de Almeida & C.^a

PORTO - PORTUGAL

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma modista franceza

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 33 e 38 A

Almanach illustrado
DO
BRASIL PORTUGAL
PARA
1903

Papel de Luxo
200 GRAVURAS

Estará a venda em todas as livrarias e lojas do costume.

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL
Capital social 2.400.000.000 réis
18.000.000.000
Inscrição para 1903 até 1886
FIRMANÇA DO REINO DE ESPANHA
1903
Registre estas bonific. segundo
de que se trata
Equator Atlantique & Union Maritime
Compagnie Generale des Messageries Maritimes
* Union et Compagnie de Navigation de l'Inde et de l'Extrême Orient — Londres — Lisboa & Porto
LISBOA — Rua da Praia, 59, 2.º

GUILHERME SILVA

Camisas, ceroulas,
gravetas, collarinhos
e punhos



Roupas bordadas
e camizetas
Enxovae em todos os
generos

LONDON & PARIS
109, Rua de S. Nicolau, 111
LIBOA

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO GOUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA



JOÃO FERREIRA
PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL
PORTO

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao oleo de fígado de bacalhan,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitales, asyls e dispensarios, notaveis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 38300 réis; caixa de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drograrias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS



Agencia Financial DE PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO
SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da dívida publica Portugueza, fundada e amortizavel nos termos da legislação vigente, e tem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitales de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.^a

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 122, 124 e 126—LISBOA

Prezantíssimas e com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a sua qualidade, perfeição e modicidade de preço.

VEADO

ESPECIALIDADES . FUMOS EM PACOTINHOS
& CIGARROS EM CARTEIRINHAS

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da No. 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2% de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2% e commissão de 1/2% de 1 a 9 annos. Depósitos: accetiam-se a prazo ou a ordem, vencendo 2 1/2% a ordem e 3 1/2% ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2% ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos distictos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO

Fremiados nas exposições

PORTO
REGISTRADA
MARCA DE COMERCIO

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

DE

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

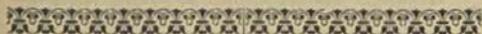
Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolnhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO



CHAPELARIA DA MODA

DE

JOÃO ALVES DA COSTA

32, Rua Garrett, 34—(Chiado)

LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets para homem e creança, nacionaes e estrangeiros, em seda, feltro e palha.
chapéus CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinaes de MONDARIZ



CESAR A. PAIVA

CIRURGIÃO DENTISTA

E

SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100. T.

LISBOA

GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauferriñ Santos

Método de accetaz J. Mauferriñ d'Almeida

Instal. de hydrotherapica completa; duas salas de banho para homens e senhores, independentes e gabinete amueblado e independente; gabinete amueblado e independente; massagem, massagem e fricção; dirigidos por C. de Sousa. Tratam. e doenças nervosas e do estomago.

Aberto das 8 às 12 da manhã e das 3 às 5 da tarde

ESTAB. CALÇADA DO DUQUE, 30. LISBOA

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DRAGAS DE REPARAÇÃO EM CACILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

Livros uteis e instructivos

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edições da «Empresa Editora de Arthur da Silva», Rua dos Bouradores, 72—Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL.—C. Cantus.—Desde a creação do mundo até á nossa época. Traduzida por Manoel Fernandes Branco, 13 volumes, em 4.º gr., 3.ª edição, com 550 pag. e 81 gravuras, br. 25000	HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRASIL).—Sébastien da Rocha Pitta.—Desde o anno de 1500 até o de 1722, revisada e annotada por J. Gomes dos Reis, em 4.º grande, 2.ª edição de Junho de 33 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch. 2500
Em encad. inteira ou 1/2, imprens. 500	Em 1/2 encad. franceza. 1200
NOVO DICIONARIO ENCYCLOPEDICO OU DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.—Ed. José M. A. G. de Lacerda. Dicionario de synonymos, Vocabulario de Linguas Brasicas, ou Tupy—Vocabulario do dialecto Guarany, 3 vol. in-8to, 3.ª edição, com 240 pag. rec. int. 12000	PRESENÇA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL.—Silvestre Pinto e Visconde de Sanches de Balthazar—4 vol. in-8.º grande, com 1749 pag., edição de luxo, com brades de armas no texto, br. 13000
HISTORIA DAS PERSEGUIÇÕES POLITICAS E RELIGIOZAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade media até aos nossos dias—Verdade do hespanhol por L. Trindade, 3 vol., in-8.º, com 1242 pag. e 12 grav. fr. 12000	Em 1/2 encad. franceza. 3000
Em 1/2 encad. franceza. 12000	OS SEISTORES D'AFRICA.—Alfredo Sarmiento—Apontamentos de viagem, in-8.º, com 231 pag. e 15 grav. e 1 mappa do Africa, broch. 500
	Em 1/2 encad. franceza. 500